



CARTILHA

POPULAÇÃO ADULTA

EM SITUAÇÃO

DE RUA

DE NOVO HAMBURGO

Realização:



Coordenação do Projeto de Pesquisa:

Dra. Carmem Regina Giongo

contato: carmemgiongo@feevale.br

Autores da Cartilha:

Carmem Regina Giongo

Eduardo Souza Passini

Marina Fritz

Raquel Meyer Fagundes Backes

Scarleth Nardes

Suane Silva Pinheiro

Equipe do Projeto de Pesquisa:

Ariane Hanauer, Eduardo Souza Passini, Franciéle Hentz Martinez, Gabriela Dlugokenski Mendonça, Janifer Prestes, Katiane Kist, Maicon Williams Ferreira Zimmer, Maike Luiz de Mello, Marina Fritz, Patrícia Verediana Robaski Dutra, Rafaella Schmitz Daudt, Raquel Meyer Fagundes Backes, Roni Gomes, Scarleth Nardes, Suane Silva Pinheiro

Análise Estatística:

Renato Michel - NRM Consultoria Estatística S.S

Projeto gráfico e diagramação:

Rafaella Schmitz Daudt

Revisão linguística:

Lovani Volmer

Formatação textual:

Cassiane Ogliari

Consultoria Técnica:

Bino Zwetsch

Apoio:



Esta cartilha é dedicada a cada um
e a cada uma das pessoas em
situação de rua de Novo Hamburgo.
Muito obrigada pela participação
de vocês nesta pesquisa, mas,
principalmente, muito obrigada
pelo tanto que nos ensinaram
e continuam ensinando.



APRESENTAÇÃO

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós? Alcos passeando por aí... Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência, é roubar o pouco de bom que vivi. Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes. É dar o troféu pro nosso algoz e fazer 'nóis' sumir.

(EMICIDA, 2019)

O que a rua tem? A rua, espaço que todos conhecemos, nem sempre é vista da mesma maneira por todas as pessoas. Para alguns, ela é espaço de passagens, de caminhos entre casas, trabalhos, lojas, mercados. Para outros, ela é espaço livre, de exercício, de encontro, de fuga das caixinhas apertadas dos apartamentos da cidade grande. Mas, para muitos, a rua também é casa.

A rua tem passagens, tem caminhos. A rua tem espaço livre e também tem gente. O que passa despercebido é que na rua também tem morador. Não tem apenas um morador. Tem centenas, tem milhares. Para eles, as calçadas são seus lares. Muitas vezes, a trajetória de suas vidas refaz-se todos os dias, na esperança de que o hoje seja melhor que o ontem.

Na rua, tem violência, tem discriminação, tem drogas, tem marginalização, tem preconceito. Mas tem também amor, sensibilização, tem arrependimento, tem fé, tem luta, tem laços e tem determinação. Apenas quem abre os olhos para a realidade posta ao lado entende que a dor e a esperança estão lado a lado no coração de quem está em situação de rua.

Diante dessa multiplicidade de significados e de demandas, foi criado, em 2017, o projeto de extensão intitulado “Da Rua Para Nóia”, através de uma parceria entre o Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua (Centro POP) de Novo Hamburgo e a Universidade Feevale. O projeto busca promover a saúde, os direitos humanos e a cidadania das pessoas que vivem em situação de rua em Novo Hamburgo, contribuindo para a visibilidade social e para a garantia de direitos dessa população. Foi no contexto das práticas de extensão que se percebeu





a necessidade de realizar um recenseamento da população adulta do município em situação de rua, atuando na aproximação das demandas desse público e também na construção de políticas públicas. Com isso, nasceu, em 2018, o projeto de pesquisa intitulado “População Adulta em Situação de Rua de Novo Hamburgo/RS: Vivências, Demandas e Possibilidades de Intervenção” sob coordenação da professora doutora Carmem Regina Giongo.

A pesquisa proporcionou não apenas dados quantitativos mas também vivências e materiais qualitativos, que estão muito além do recenseamento propriamente dito. Cada entrevistador foi tocado de uma forma diferente. Cada uma das entrevistas realizadas contribuiu para a construção da pessoa/pesquisador e dos dados que serão apresentados neste espaço. Diante disso, é preciso ressaltar a impossibilidade de depositar nesta cartilha a tradução da experiência em sua totalidade. Aquilo, porém, que foi possível apresentar da construção coletiva obtida neste trabalho de pesquisa será demonstrado de forma sensível e explícita.

Cabe, ainda, um agradecimento aos apoiadores do projeto de pesquisa: pessoas em situação de rua de Novo Hamburgo, trabalhadores e trabalhadoras do Centro POP de Novo Hamburgo (NH) e do Serviço Especializado de Abordagem Social (SEAS), Universidade Feevale, Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Secretaria de Desenvolvimento Social de Novo Hamburgo (SDS), Comitê de Acompanhamento e Monitoramento da Política Municipal para a População em Situação de Rua (Comitê POP Rua NH) e também aos serviços que receberam a equipe de pesquisa para a coleta de dados: Abrigo Municipal, Albergue Municipal, Centro POP, Consultório de Rua, Comunidades Terapêuticas (Fazenda Renascer, Centro de Atenção Urbana à Dependência Química – CAUDEQ, Desafio Resgate Jovem), Organizações da Sociedade Civil (Horta Comunitária, Abraço Solidário, Anjos da Madrugada) e Serviço Especializado de Abordagem Social (SEAS).

Desejamos uma ótima leitura a todas e a todos!

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Faixas de idade.....	14
Gráfico 2	Faixas de idade por sexo	14
Gráfico 3	Raça.....	15
Gráfico 4	Tempo em Novo Hamburgo.....	16
Gráfico 5	Histórico da situação de rua	17
Gráfico 6	Tempo em situação de rua	17
Gráfico 7	Contato com a família	22
Gráfico 8	Desejo de aprender.....	25
Gráfico 9	Acesso à internet.....	26
Gráfico 10	Emprego.....	28
Gráfico 11	Cadastro Único.....	29
Gráfico 12	Bolsa Família.....	30
Gráfico 13	Outros Programas Sociais	30
Gráfico 14	Uso de substâncias psicoativas	37



LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Entidades parceiras da pesquisa.....	12
----------	--------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Número de entrevistados por local	13
Tabela 2	Companheiro(a)	15
Tabela 3	Filhos.....	15
Tabela 4	Principais motivos pelos quais passou a morar na rua	18
Tabela 5	Principais dificuldades enfrentadas	20
Tabela 6	Tipos de violência.....	20
Tabela 7	Locais escolhidos para dormir	21
Tabela 8	Motivos pela escolha do local para dormir	21
Tabela 9	Contato com a família.....	22
Tabela 10	Apoio em situação de emergência	23
Tabela 11	Escolaridade.....	23
Tabela 12	Atividades que gosta de fazer.....	24
Tabela 13	O que gostaria de aprender/aprimorar	25
Tabela 14	O que acessa na internet.....	27
Tabela 15	Principal atividade/ocupação	28
Tabela 16	Fonte de renda complementar	28
Tabela 17	Documentos.....	29
Tabela 18	Serviços Acessados em Novo Hamburgo	31
Tabela 19	Serviços mais acessados pela população em situação de rua de Novo Hamburgo	31
Tabela 20	Principal motivo de acesso aos serviços	32
Tabela 21	Melhorias nos serviços acessados.....	32
Tabela 22	Melhorias para atender a PSR	33
Tabela 23	Problemas de saúde.....	34
Tabela 24	Local das refeições.....	35
Tabela 25	Alimentação	36
Tabela 26	Acesso à alimentação	37
Tabela 27	Tipo de uso de substância psicoativa	37
Tabela 28	Frequência de uso de substância psicoativa.....	38



SUMÁRIO

1 Introdução	08
2 Metodologia	10
2.1 Delineamento do estudo	10
2.2 Instrumentos de pesquisa	10
2.2.1 Observação participante	10
2.2.2 Questionário sociodemográfico	10
2.2.3 Entrevista narrativa	10
2.3 Participantes da pesquisa	11
2.4 Processo de coleta de dados	11
2.5 Considerações éticas	13
2.6 Processo de análise dos dados	13
3 Apresentação dos resultados	14
3.1 Identificação	14
3.2 Trajetória de rua	16
3.3 Educação	23
3.4 Trabalho e renda	27
3.5 Assistência social	29
3.6 Saúde	33
4 Considerações finais	39
5 Relatos dos pesquisadores	44
6 O que você queria dizer que não foi perguntado	49
Referências	50
Apêndice a – Questionário sociodemográfico	51
Apêndice b – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	55
Anexo a – Naturalidade por UF	57
Anexo b – Naturalidade	57

1. INTRODUÇÃO

O debate acerca da população em situação de rua no Brasil tem, mesmo que timidamente, recebido espaço na agenda política nacional nos últimos anos. Essas discussões ocorrem, em especial, pela atuação dos movimentos sociais, pelas recorrentes violações dos direitos humanos da população em situação de rua, pelo aumento do número desses coletivos e pelas polêmicas práticas higienistas executadas pelo Estado. As pesquisas neste campo, mesmo contando com a subnotificação, ainda são incipientes e comumente desenvolvidas em grandes centros urbanos. Do ponto de vista conceitual, conforme a Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua, este público pode ser definido como:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009a, art. 1º).

Uma pesquisa realizada entre 2007 e 2008, em 71 municípios brasileiros com população superior a 300 mil habitantes, mostrou que, nas regiões investigadas, havia 31.922 indivíduos vivendo nas ruas. Nesse contexto, 82% eram pessoas do sexo masculino e 53% tinham entre 25 e 44 anos (BRASIL, 2009b). Em 2016, outro estudo, desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apresentou a estimativa de que no Brasil existem 101.854 pessoas em situação de rua (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2016). Em 2020, o mesmo Instituto publicou o número atualizado de 221.869 pessoas em situação de rua no Brasil (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2020).

Em 2019, uma Pesquisa Censitária da População em Situação de Rua realizada em São Paulo indicou que havia 24.344 pessoas em situação de rua. Destas, 11.693 estavam acolhidas e 12.651 viviam em logradouros públicos ou na rua (SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2019).

Comparando-se esses dados com aqueles divulgados em 2015, observa-se um aumento de 60% no número de pessoas em situação de rua (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, 2015). Em 2016, uma pesquisa realizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (RS), apontou para a existência de 2.115 pessoas em situação de rua na cidade (FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA, 2016).



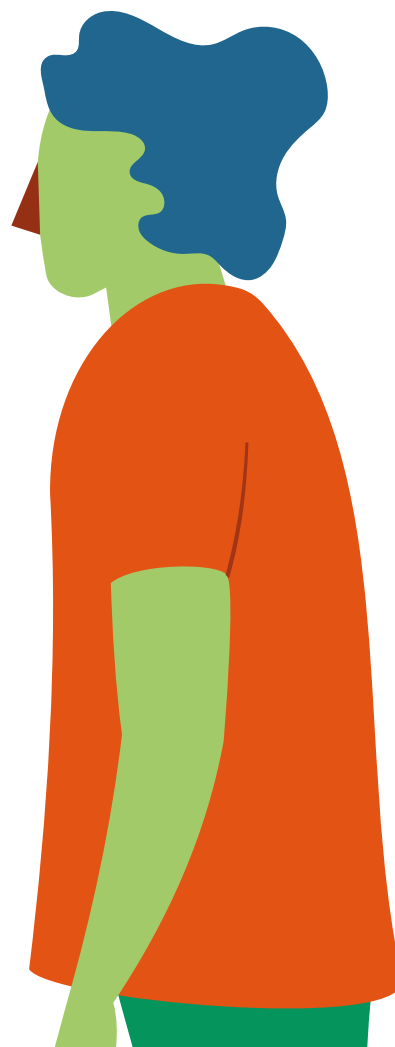


Apesar da realização desses importantes estudos, cabe salientar que a população em situação de rua não está incluída nos estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No último ano, um pedido da Defensoria Pública da União e Justiça Federal do Rio de Janeiro tornou obrigatória ao IBGE a inclusão da população em situação de rua no censo de 2020, mas a exigência não deixou clara como seria efetivada essa mudança no processo de coleta de dados.

Considerando como fundamentos legais, éticos e políticos deste projeto, podem ser citados: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (NAÇÕES UNIDAS, 1948); a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2016); as políticas estabelecidas pelo Sistema Único de Saúde, como a Lei Orgânica da Saúde n. 8.080 de 1990 (BRASIL, 1990), e pelo Sistema Único de Assistência Social, como a Lei Orgânica da Assistência Social, n. 8.742 de 1993 (BRASIL, 1993); a Política Nacional da População em Situação de Rua, instituída pelo decreto n. 7.053/2009 (BRASIL, 2009a); e o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas (BRASIL, 2013). Além disso, ressalta-se a importância do Movimento Nacional da População de Rua como estratégia política de mobilização e reconhecimento das demandas e das vivências da população em situação no Brasil.

Diante disso, a presente cartilha possui o objetivo de apresentar os dados principais de um recenseamento da população adulta em situação de rua da cidade de Novo Hamburgo/RS. Nesse sentido, busca atribuir visibilidade às demandas dessa população no município, levantando possibilidades de transformação desse cenário através da construção coletiva de políticas públicas. Parte-se do pressuposto de que a temática tratada por este projeto demanda ações integrativas, interdisciplinares e construídas na relação horizontal entre a Universidade, as pessoas em situação de rua, as iniciativas da sociedade civil e os serviços que compõem as políticas públicas municipais, estaduais e federais.

A cartilha apresenta, inicialmente, o processo metodológico da pesquisa. Na sequência, são expostos os resultados do estudo, organizado em seis eixos principais: Caracterização; Histórico; Educação; Trabalho e Renda; Assistência Social; e Saúde. Por fim, são abordadas as considerações finais da pesquisa, atreladas às recomendações de possíveis intervenções no campo das políticas públicas. A cartilha traz, ainda, uma sessão extra com relatos dos pesquisadores, que compartilham algumas vivências do processo de pesquisa e coleta de dados. O questionário utilizado para a coleta de dados encontra-se nos anexos.



2. METODOLOGIA

2.1 Delineamento do estudo

O projeto de pesquisa que deu origem a esta cartilha teve início em janeiro de 2019 e foi desenvolvido a partir de um delineamento exploratório descritivo, de metodologia mista. O estudo foi orientado metodologicamente pelos pressupostos de Minayo (2008), que preconiza a participação dos múltiplos atores envolvidos no estudo na concepção e na condução do trabalho, considerando que nenhuma teoria será suficiente para dar conta da realidade encontrada e que todo resultado obtido é fruto de um processo de construção coletiva, histórica e social.

2.2 Instrumentos de pesquisa

2.2.1 Observação participante

Com o objetivo de buscar aproximação e compreensão da realidade investigada, foi utilizada a técnica de observação participante, definida como um processo no qual o observador participa de uma situação social com o objetivo de realizar uma investigação científica (FLICK, 2004; SCHWARTZ; SCHWARTZ, 1955). A observação participante é considerada um elemento fundamental na prática de pesquisa nas Ciências Sociais, pois representa não apenas uma técnica de coleta de dados mas também um método em si mesmo, capaz de permitir a aproximação e a compreensão da realidade (MINAYO, 2008). O instrumento utilizado como forma de registro da observação participante foi o diário de campo – as informações observadas foram anotadas em uma espécie de caderneta e analisadas no momento da análise qualitativa (MINAYO, 2012).

2.2.2 Questionário biosociodemográfico

Como instrumento principal de coleta de dados, foi utilizado um questionário, a fim de identificar as características dos participantes e levantar informações sociodemográficas através de uma abordagem que facilitasse a vinculação do entrevistado, pautando-se em uma aproximação humanizada e acolhedora. O instrumento foi construído com base em um inventário utilizado pelo Centro POP no processo de acolhimento dos usuários. O questionário adaptado para a pesquisa (Apêndice A) apresenta questões qualitativas e quantitativas e está estruturado em diferentes eixos temáticos:

- a) identificação;
- b) histórico como pessoa em situação de rua;
- c) educação;
- d) trabalho e renda;
- e) assistência social;
- f) saúde.

2.2.3 Entrevista narrativa

A técnica de entrevista narrativa também foi aplicada na presente pesquisa. O termo foi cunhado por Schutze (1992), que caracterizou a entrevista pela não utilização do esquema pergunta-resposta, justamente por preconizar a livre narração do entrevistado. Os participantes que autorizaram a gravação tiveram a entrevista gravada e transcrita na íntegra. Esta etapa foi caracterizada por uma conversa aberta, abordando temáticas além daquelas inseridas no questionário.



2.3 Participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram homens e mulheres maiores de 18 anos que viviam em situação de rua na cidade de Novo Hamburgo e que aceitaram participar do estudo, no período de 01 de abril de 2019 a 12 de dezembro de 2019. Cabe destacar que foram contabilizadas 215 pessoas em situação de rua. Desse total, os dados apresentados nesta cartilha correspondem aos 170 participantes que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aceitaram preencher o questionário da pesquisa (Apêndice B). Quarenta e sete pessoas em situação de rua não forneceram seus dados, dos quais 24 não apresentaram condições de saúde ou neurológicas para responder o questionário, 22 não tiveram tempo ou interesse em participar da pesquisa e 1 não aceitou assinar o TCLE. Essas 47 pessoas tiveram apenas o nome ou apelido cadastrado para fins de contabilização geral.

Para a seleção dos participantes, foram acessados os serviços da rede de apoio municipal, Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e Comunidades Terapêuticas que atendem essa população, além da realização de abordagens de rua e levantamento de indicações de possíveis entrevistados através do método snowball ou “Bola de Neve”. Essa técnica é definida como um processo no qual os primeiros participantes identificados indicam outros, que, por sua vez, indicam outros e, assim, sucessivamente (BIERNACKI; WALDORF, 1981).

2.4 Processo de coleta de dados

No que se refere à coleta de dados, primeiramente o projeto foi aprovado na Universidade Feevale e na Secretaria de Desenvolvimento Social de Novo Hamburgo. Posteriormente, foi organizada a equipe de trabalho, que envolveu alunos e professores da Universidade, trabalhadores do Centro POP e do SEAS, totalizando 16 pessoas. A partir disso, foi definido que o Centro POP seria o principal serviço de apoio à realização da pesquisa. Cabe destacar que o projeto recebeu subsídio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), através do edital Auxílio Recém-Doutor; do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); da Universidade Feevale, através de bolsas e infraestrutura geral; e da Secretaria de Desenvolvimento Social de Novo Hamburgo, que auxiliou no deslocamento da equipe e no apoio à coleta de dados.

A elaboração do plano de coleta de dados e do instrumento de pesquisa foi realizada em conjunto com os diversos atores envolvidos no estudo, incluindo as pessoas em situação de rua e as equipes dos diferentes serviços que realizam atendimento a esse público em Novo Hamburgo. Essa etapa inicial de construção do instrumento e validação do plano de trabalho pode ser dividida em seis fases principais:

a) Levantamento de estudos similares: com a intenção de avaliar as possibilidades de construção e estruturação do questionário;

b) A partir dos estudos já realizados, de um questionário utilizado em um estudo na Região Metropolitana de Porto Alegre (CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL, 2017) e de um instrumento já utilizado pelo Centro POP, foi realizada a construção de um questionário piloto para a pesquisa, incluindo, no grupo de trabalho acadêmicos, professores da Universidade Feevale, trabalhadores do Centro POP e do SEAS de Novo Hamburgo;

c) Validação coletiva do questionário: buscou-se também validar o questionário e o cronograma de coleta de dados com entidades que atendem a população em situação de rua e com a própria população em situação de rua;

d) Capacitação da equipe de entrevistadores: para a aplicação, fez-se importante uma capacitação da equipe, constituída pelos participantes do projeto de pesquisa, bolsistas do projeto de extensão e equipe do Centro POP e do SEAS;

e) Aplicação do estudo piloto: no decorrer de 30 dias, foi aplicado o questionário desenvolvido;

f) Fechamento do questionário: a partir do estudo piloto, os entrevistadores registraram as alterações necessárias, o instrumento foi atualizado e, também, lançado na plataforma virtual Google Forms para o início oficial da pesquisa.

Com a equipe capacitada, o plano de trabalho e os instrumentos validados, teve, então, início a coleta de dados. A equipe optou pela realização do levantamento em diferentes estações do ano, em variados espaços públicos e instituições, visando ampliar o acesso às pessoas em situação de rua do município. As entidades que atuaram como parceiras do projeto de pesquisa e se disponibilizaram a receber os pesquisadores para aplicação das entrevistas são citadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Entidades parceiras da pesquisa

Local de Assistência à População em Situação de Rua	Descrição do Local
Abrigo Municipal	O local realiza atendimento a adultos em situação de vulnerabilidade social e/ou com vínculos familiares rompidos. Além do acolhimento institucional, auxilia os abrigados em sua reorganização pessoal e social.
Albergue Municipal	Serviço de acolhimento provisório, com estrutura para acolher pessoas de ambos os sexos. Oferece pernoite, jantar e cuidados básicos de higiene.
Centro de Atenção Urbana à Dependência Química (CAUDEQ)	Comunidade terapêutica que atende dependentes químicos, alcoolistas e familiares. Possui como público-alvo homens a partir de 18 anos e conta com uma equipe multidisciplinar de profissionais para o atendimento dos pacientes.
Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP)	Serviço que realiza atendimentos individuais e coletivos, oficinas e atividades de convívio e socialização, além de ações que incentivem o protagonismo e a participação social das pessoas em situação de rua.
Consultório de Rua	De forma itinerante e com atendimentos na rua, o trabalho ocorre em período diurno e/ou noturno. As equipes fazem atendimento, desde pré-natal, acompanhamento de hipertenso, diabético e também atendimento de agravos prioritários.
Desafio Resgate Jovem	Comunidade terapêutica, sem fins lucrativos, que tem como principais objetivos a prevenção, o tratamento e a ressocialização de jovens e adultos do sexo masculino, maiores de 18 anos, com transtornos decorrentes do abuso de substâncias psicoativas.
Fazenda Renascer	Comunidade terapêutica, sem fins lucrativos e sem vínculos religiosos e que tem como finalidade a prevenção, recuperação e reinserção social de dependentes químicos e de álcool, bem como o apoio às famílias afetadas pelo problema, sem fazer distinção quanto à cor, raça, condição social, grau de instrução, credo político ou religioso.
Horta Comunitária Joanna de Ângelis	Atua e atende, por meio da assistência social, a pessoas que enfrentam as mais diversas situações de vulnerabilidade social. Integra um grupo de voluntários estruturados em seis pilares: espiritual, social, educacional, patrimonial, administrativo e ambiental.
Projeto Abraço Solidário (PAS)	Projeto social que foi desenvolvido para atender crianças e adolescentes carentes. Além disso, realiza a entrega de alimentação para a população em situação de rua.
Projeto Anjos da Madrugada	Grupo da Igreja Católica, composto por 120 voluntários que entregam marmitas às pessoas em situação de rua de Novo Hamburgo e São Leopoldo, todas as sextas-feiras. Além da alimentação, são doados calçados, roupas e cobertores.
Serviço Especializado de Abordagem Social (SEAS)	Tem como finalidade assegurar trabalho social de abordagem e busca ativa que identifique, nos territórios, a incidência de trabalho infantil, exploração sexual de crianças e adolescentes, situação de rua, dentre outras. Constitui-se em processo de trabalho planejado de aproximação, escuta qualificada e construção de vínculo de confiança com pessoas e famílias em situação de risco pessoal e social nos espaços públicos para atender, acompanhar e mediar acesso à rede de proteção social.

Fonte: elaborado pelos autores, com base em informações retiradas das páginas virtuais das instituições (2020).

A Tabela 1, a seguir, apresenta o número de entrevistados em cada local. Cabe observar que o Centro POP contou com o maior número de entrevistados (102) por ter sido o principal local de apoio da pesquisa e também ser o serviço de referência no município para o público pesquisado. Em segundo lugar, estão as abordagens de rua (34), na maioria, mediadas pelas OSCs parceiras do projeto, e, na sequência, o Albergue Municipal (16).

Tabela 1 – Número de entrevistados por local

Local da entrevista	n	% válido
Centro POP	102	60
Abordagem de Rua	34	20
Albergue Municipal	16	9,4
Abrigo Municipal	10	5,9
CAUDEQ	3	1,8
Fazenda Renascer	2	1,2
Comunidade Terapêutica Resgate Jovem	1	0,6
Consultório de Rua	1	0,6
Desafio Resgate Jovem	1	0,6
Total	170	100

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020)

Após a coleta de dados, o (a) entrevistador (a) responsável realizava o lançamento dos dados na plataforma Google Forms. Além disso, durante os meses da coleta de dados, foram realizadas reuniões de equipe quinzenais, com o objetivo de alinhar o cronograma, auxiliar nas dúvidas e possibilitar a troca de experiências. É importante salientar que, mesmo contando com os esforços da equipe de pesquisa e de todos os serviços que atendem esse público no município, estima-se que exista um número superior de pessoas em situação de rua que não puderam ser acessadas, tanto em função da mobilidade/itinerância de algumas pessoas nessa situação como do difícil acesso a alguns territórios.

2.5 Considerações éticas

Este projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale – parecer número 3.039.366. Os participantes, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), receberam explicações sobre todos os procedimentos de coleta de dados, incluindo o sigilo da identidade, a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem causar qualquer prejuízo, a possibilidade de contatar os pesquisadores e a ausência de risco ou danos a quem participar. Destaca-se que o estudo está de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (2016), e com as Normas do Conselho Federal de Psicologia, Resolução CFP n. 016/2000, de 22 de dezembro de 2000 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2000).

2.6 Processo de análise dos dados

A técnica utilizada para a análise dos dados qualitativos foi a análise temática, que consiste em delimitar os núcleos de sentido que integram o processo de comunicação, nos quais a presença ou a frequência com que aparecem significa algo visado para o objeto analítico (MINAYO, 2012). Do ponto de vista operacional, essa análise desdobra-se em três etapas principais, quais sejam: pré-análise, exploração do material e, por fim, tratamento e interpretação dos dados (MINAYO, 2012). Os dados quantitativos foram analisados e submetidos a uma análise estatística descritiva, através de medidas descritivas, tabelas de frequência simples e cruzamentos entre variáveis (GIL, 2010).

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

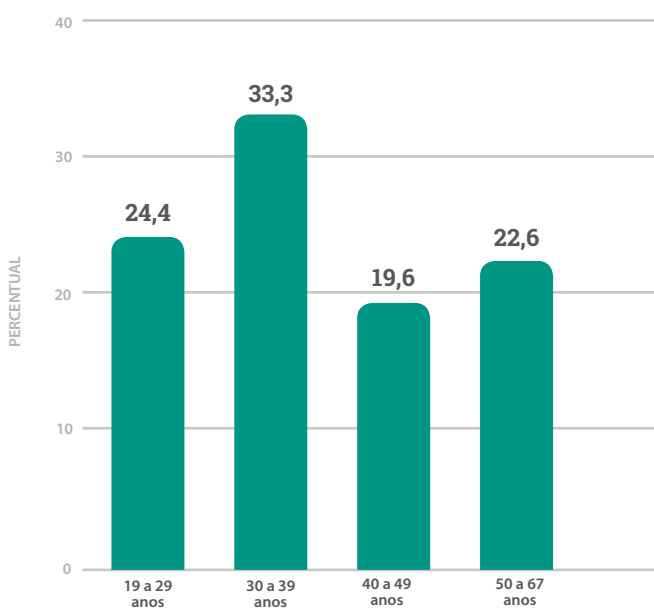
Foram contabilizadas 215 pessoas em situação de rua no município de Novo Hamburgo. Os resultados apresentados nesta seção referem-se aos 170 entrevistados que aceitaram preencher o questionário da pesquisa e que assinaram o TCLE.

3.1 IDENTIFICAÇÃO

Esta seção apresentará os dados sociodemográficos da população entrevistada. A idade média do participantes foi de 39 anos, sendo que 33,3% dos participantes tinham entre 30 e 49 anos, seguido de 24,4% com idade entre 19 e 29 anos, conforme Gráfico 1. Cabe destacar que as idades da amostra variam entre 19 e 67 anos. Além disso, assim como em um estudo realizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, as entrevistas ocorreram em serviços voltados à população adulta em situação de rua, justificando a inexistência de crianças e adolescentes na pesquisa (CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL, 2017). Quanto ao sexo, como ilustra o Gráfico 2, 86,5% foram homens e 13,5%, mulheres, dados que corroboram estudos anteriores realizados

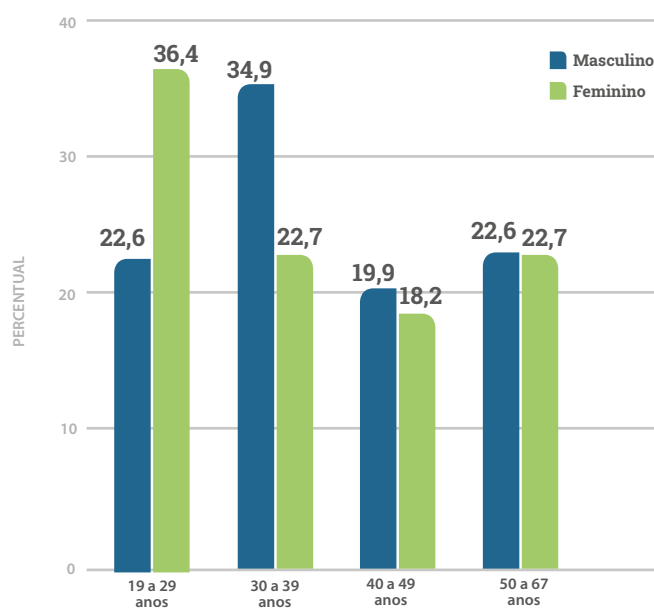
no Brasil (BRASIL, 2009b; CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL, 2017; FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, 2015). No que se refere à cor ou raça, 50% dos participantes autodeclararam-se brancos, em seguida 45,3%, pardos e negros, como pode ser visto no Gráfico 3. Embora essa seja uma distribuição étnica correspondente à realidade da população brasileira, a mesma não condiz com a composição étnica do estado do Rio Grande do Sul, em que apenas 17,3% da população se reconhece como negra (pretos e pardos) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2008).

Gráfico 1 – Faixas de idade



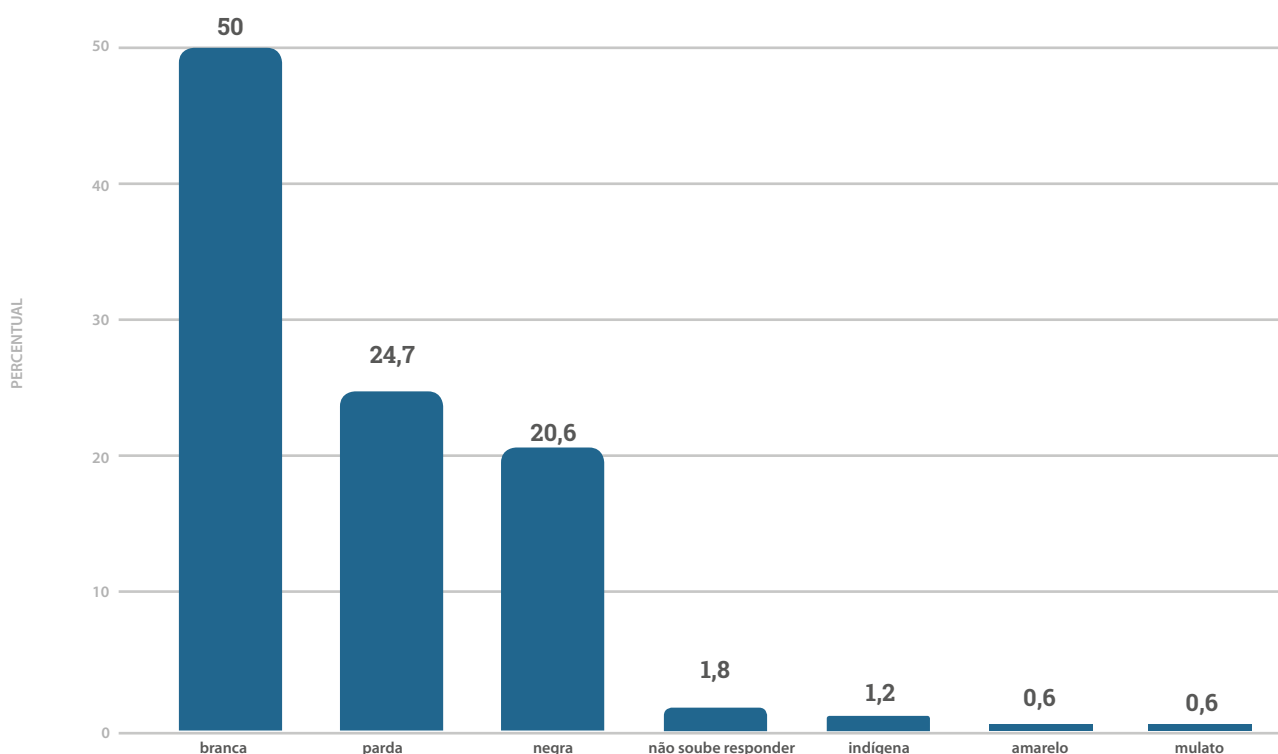
Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Gráfico 2 – Faixas de idade por sexo



Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Gráfico 3 – Raça



Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Dentre os participantes, 83,4% não possuíam companheiro (a) e 57,4% possuíam filhos, conforme Tabelas 2 e 3. Analisando-se apenas aqueles que possuíam filhos, a média foi de 2,4 filhos por pessoa. Interessante destacar que o número de mulheres com companheiros (as) (47,8%) foi maior que o número de homens com companheiros (as) (11,6%). Esses dados são condizentes com os encontrados em um estudo realizado em Porto Alegre, em que as mulheres estabeleciam mais laços conjugais (59,5%) do que os homens (15%) (FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA, 2016).

Tabela 2 – Companheiro(a)

Possui companheiro(a)?	Sexo					
	Masculino		Feminino		Total	
	n	%	n	%	N	%
Sim	17	11,6	11	47,8	28	16,6
Não	129	88,4	12	52,2	141	83,4
Total	146	100,0	23	100,0	169	100,0

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Tabela 3 – Filhos

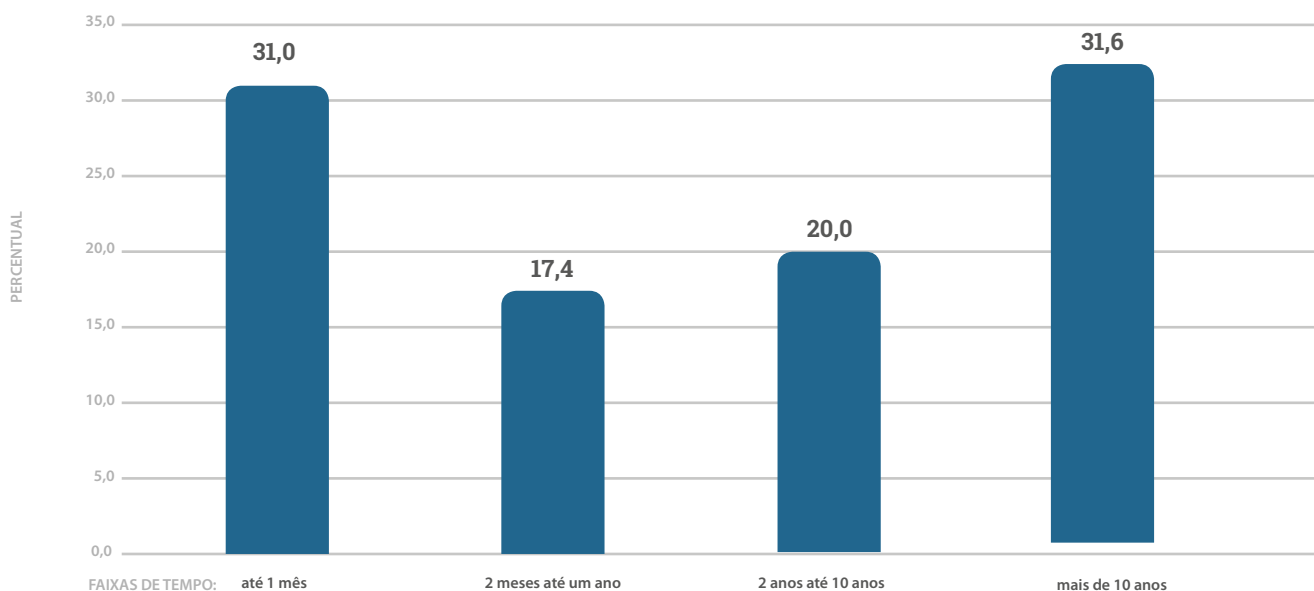
Possui filhos?	Sexo					
	Masculino		Feminino		Total	
	n	%	n	%	N	%
Sim	82	56,2	15	65,2	97	57,4
Não	64	43,8	8	34,8	72	42,6
Total	146	100,0	23	100,0	169	100,0

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

No que diz respeito à naturalidade dos entrevistados, os dados indicaram predominância (87,6%) daqueles que nasceram no estado do Rio Grande do Sul. Todavia, apenas 27,2% eram naturais do município de Novo Hamburgo, dados que contrastam se comparados com um estudo realizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, em que 44,7% eram naturais da cidade do estudo (CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL, 2017). Quanto aos que nasceram em outros estados do país (10,6%), a maioria compõe aqueles oriundos dos estados de Santa Catarina (3%) e Paraná (3%) (dados complementares encontram-se nos Anexos A e B). Além disso, em relação à nacionalidade dos participantes, 1,2% relatou ter nascido no Uruguai e 0,6% no Senegal. Dentre as pessoas

entrevistadas, 2,9% autodeclararam-se migrantes. Quanto ao tempo de estadia em Novo Hamburgo, os dados mostraram um perfil heterogêneo, como ilustra o Gráfico 4: obteve-se uma média de 12,3 anos, sendo que 31,6% estavam há mais de 10 anos no município, em seguida, 31% disseram estar há menos de 1 mês, 20%, entre 2 e 10 anos e, por fim, 17,4% estavam vivendo no município em um período de 2 meses a 1 ano. Ainda que os dados sejam heterogêneos, 51,6% estavam há mais de 2 anos em Novo Hamburgo, demonstrando relativa permanência no município. Além disso, dentre os participantes, 30% autodeclararam-se trecheiros, caracterizados como as pessoas que estão em constante movimento nos espaços urbanos.

Gráfico 4 – Tempo em Novo Hamburgo



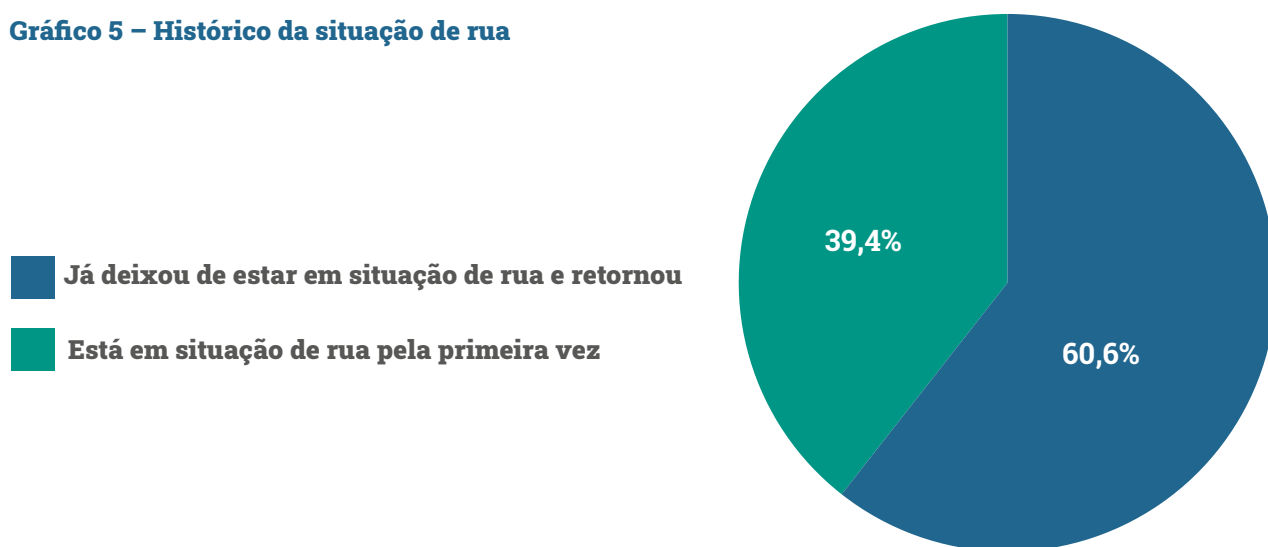
Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

3.2 TRAJETÓRIA DE RUA

Esta temática abordará o histórico dos entrevistados em relação a sua situação de rua. A maioria dos entrevistados (60,6%) já deixou de estar em situação de rua e retornou, conforme Gráfico 5. Esse dado demonstra que há uma prevalência de casos em que houve o retorno para a situação de rua no município de Novo Hamburgo, diferentemente do perfil de outras cidades, em que prevaleceram os casos de situação de rua pela primeira vez (CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL, 2017). Em relação ao tempo que vivem na rua, como mostra o Gráfico 6, 21,3% dos entrevistados relataram permanência de mais de 10 anos; 20,7%, há, no máximo, 6 meses; e

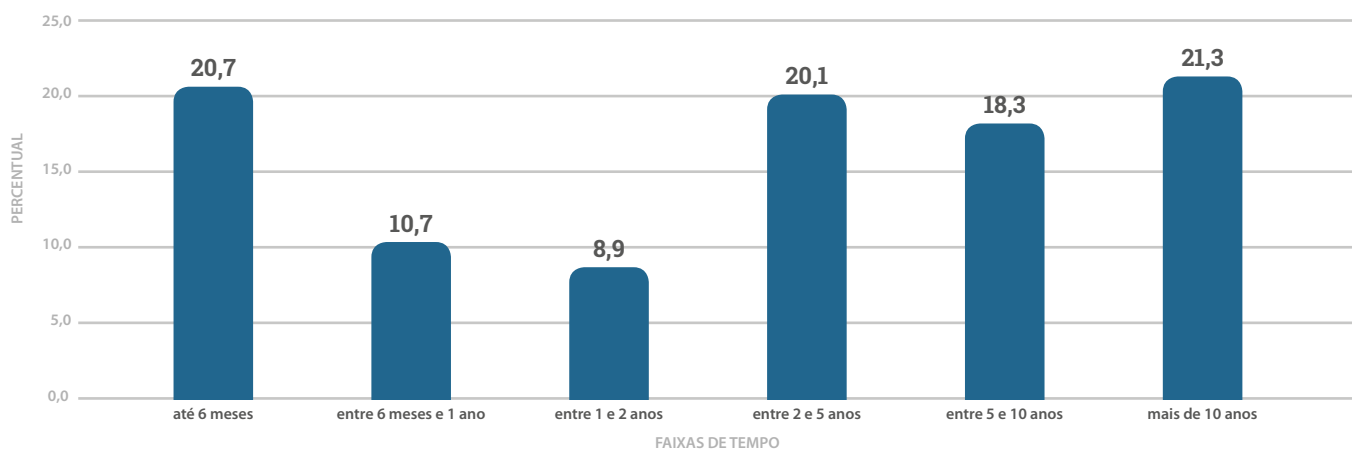
20,1%, entre 2 e 5 anos. Considerando a parcela da população que estava há mais de 2 anos (59,7%), pode-se sugerir uma possível cronificação da situação de rua no município. Por outro lado, chama a atenção o percentual de entrevistados que estavam nessa condição há menos de 6 meses (20,7%), demonstrando a diversidade nas demandas e características desse público. Cabe ressaltar que, no caso do entrevistado ter estado em situação de rua mais de uma vez, foi solicitado que ele somasse a duração dos diferentes períodos.

Gráfico 5 – Histórico da situação de rua



Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Gráfico 6 – Tempo em situação de rua



Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Em relação aos principais motivos pelos quais os participantes passaram a morar na rua, 70,6% dos entrevistados relataram problemas familiares e 45,3% referiram o uso de álcool/drogas, como pode-se observar na Tabela 4. O desemprego foi o terceiro motivo mais comum, com 19,4%, seguido de adoecimento psíquico, com 4,7% das respostas. Cabe ressaltar que essa foi uma questão de múltipla escolha, em que se somou um total de 261 respostas em 170 entrevistas, o que permite inferir que os motivos pelos quais a maioria dos entrevistados passaram a morar na rua podem não ser únicos, mas um conjunto de complexos fatores, como podemos perceber no seguinte relato:

O entrevistado falou sobre suas emoções e do quanto sentiu-se abandonado pela sua mãe. Tem experiência de rua desde os 9 anos. Esteve preso por 8 anos e foi um período difícil. Está tentando reaproximação com seus filhos. Ficou com sequelas devido ao uso de álcool.

(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 106).

Tabela 4 – Principais motivos pelos quais passou a morar na rua

Principais motivos pelos quais passou a morar na rua	n	% de casos
Problemas familiares	120	70,6%
Álcool/drogas	77	45,3%
Desemprego	33	19,4%
Adoecimento psíquico	8	4,7%
Problemas judiciais	6	3,5%
Dificuldades financeiras	5	2,9%
Opção própria	4	2,4%
Não sabe/não lembra	3	1,8%
Questões de gênero e sexualidade	2	1,2%
Violência	2	1,2%
Adoecimento físico	1	0,6%
Total de respondentes	170	
Total de respostas	261	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

O desemprego, apontado como terceiro motivo pelo qual os entrevistados passaram a morar na rua, seguiu sendo uma das principais dificuldades enfrentadas no dia a dia por essa população, com 31,2% das respostas. O preconceito (38,8%) e a violência (35,9%) surgiram como principais dificuldades enfrentadas no cotidiano pelos entrevistados, seguidos da fome, com 31,8%. Alguns dados qualitativos descritos em Diário de Campo ajudam a exemplificar os casos de preconceito vividos pela população em situação de rua (PSR):

“Todo mundo tem uma história, ninguém tá na rua porque quer. Precisa melhorar a questão do preconceito, sofro muito com isso” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 42); “Sofro muito com a questão do preconceito. Não dá pra deixar as pessoas te oprimirem, ou pensarem o que tu não é. Um bom dia muda tudo, o respeito... Respeitar uns aos outros ou amar uns aos outros” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 161).

Os entrevistados que responderam “violência” como sendo uma das principais dificuldades enfrentadas no dia a dia foram questionados sobre quais tipos de violência sofreram. A partir desse total, 56,5% das respostas apontaram a violência entre pares e 52,2%, a violência institucional, caracterizada, principalmente, pela violência policial, como as principais violências sofridas. Esse dado corrobora as pesquisas realizadas anteriormente com a população em situação de rua na Região Metropolitana de Porto Alegre, as apontam os policiais militares ou a guarda municipal como principais agentes de violação de direitos humanos da PSR (CANOFRE, 2016; CENTRO DE ACESSORIA MULTIPROFISSIONAL, 2017). É importante ressaltar que, em alguns casos, os entrevistados relataram ter vivenciado mais de

um tipo de violência no seu tempo em situação de rua, como no exemplo a seguir, relatado em Diário de Campo:

Luana (nome fictício) contou sobre sua história de vida (mãe usuária, sofria violência física). Seu único suporte era sua avó e quando ela faleceu foi morar na rua, com 14 anos. Relatou situações difíceis que vivenciou na rua (abuso sexual, violência institucional, violência conjugal) e falou, ainda, das tentativas de suicídio e do seu quadro depressivo. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 167).

Em relação ao dado sobre violência entre pares, dados qualitativos obtidos durante as entrevistas exemplificam essa dificuldade revelando que, com o encerramento de serviços oferecidos à população em situação de rua em outros municípios da região metropolitana, somado a outros fatores, como a facilidade de deslocamento disposta pelo Trensurb (transporte metroviário) e dificuldades sofridas em outras cidades, o município tem recebido diariamente novas pessoas em situação de rua. Esse processo provoca a necessidade de reorganização dos grupos residentes em Novo Hamburgo há mais tempo, como podemos perceber a seguir:

“Relata dificuldade em ter uma boa representação social devido à vinda de outras pessoas em situação de rua da região pelo metrô e que roubam no município”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 6);

“Está em NH [Novo Hamburgo] para fugir das drogas (tem conhecidos traficantes em POA [Porto Alegre])”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 129).

É importante lembrar que o número de mulheres com companheiros (as) (47,8%) foi maior que o de homens (11,6%), como citado anteriormente. Esse elemento contribui para uma fala bastante recorrente das participantes do sexo feminino de que estar em um relacionamento era um fator de

segurança diante das vulnerabilidades decorrentes das vivências na rua, como, por exemplo, assaltos, violência sexual e agressões físicas. Apesar disso, percebe-se, na fala de uma das entrevistadas, que mesmo em um relacionamento podem ocorrer violações:

“Tranquilo, às vezes ele tenta mostrar as garras, mas ele é tranquilo, é de boa [...] mas ele cuida de mim agora. Às vezes ele quer ser autoritário. Não sei bem, estranho os cara da rua serem tão ciumento, só por que tá na rua será? Quer mandar, tipo assim: “Ah, tu mora na rua, tu precisa de mim, porque sei mais do mundo”.”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 194).

As principais dificuldades enfrentadas pelos participantes no dia a dia e os tipos de violência enfrentados são detalhados a seguir, nas Tabelas 5 e 6.



Tabela 5 – Principais dificuldades enfrentadas

Quais as principais dificuldades enfrentadas no dia a dia?	Respostas	% de casos
	n	
Preconceito	66	38,8%
Violência	61	35,9%
Fome	54	31,8%
Desemprego	53	31,2%
Questões climáticas	52	30,6%
Falta de renda	38	22,4%
Laços familiares	24	14,1%
Uso/abuso de drogas	24	14,1%
Manter higiene pessoal	19	11,2%
Sofrimento psíquico	17	10,0%
Falta de roupas	16	9,4%
Falta de local de referência	14	8,2%
Nenhuma	13	7,6%
Falta de acesso aos serviços públicos	9	5,3%
Adoecimento físico	7	4,1%
Falta de abrigo	7	4,1%
Falta de segurança	6	3,5%
Deslocamento	4	2,4%
Ociosidade	4	2,4%
Baixa escolaridade	1	0,6%
Acessibilidade	1	0,6%
Falta de informação	1	0,6%
Problemas de sono	1	0,6%
Racismo	1	0,6%
Total de respondentes	170	
Total de respostas	493	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Tabela 6 – Tipos de violência

Tipos de Violência	Respostas	% de casos
	n	
Violência entre pares	26	56,5%
Violência institucional	24	52,2%
Violência sexual	5	10,9%
Violência de gênero	3	6,5%
Violência física	2	4,3%
Violência verbal	1	2,2%
Total de respondentes	46	
Total de respostas	61	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Em relação ao local onde os entrevistados dormem, 66,5% relataram recorrer à rua e/ou a viadutos para dormir, como ilustra a Tabela 7. Em segundo lugar, os ambientes mais procurados para dormir foram os albergues (30,6%) e, em terceiro, casas e/ou prédios abandonados (11,8%).

Tabela 7 – Locais escolhidos para dormir

Em quais locais você dorme com frequência?	Respostas	% de casos
	n	
Rua/Viaduto	113	66,5%
Albergues	52	30,6%
Casas/Prédios abandonados	20	11,8%
Praças/Parques	14	8,2%
Abrigos	12	7,1%
Comunidade terapêutica	5	2,9%
Residência de amigo	4	2,4%
Hotel	3	1,8%
Ocupação	3	1,8%
Residência de familiares	2	1,2%
Cemitério	1	0,6%
Mato	1	0,6%
Total de respondentes	170	
Total de respostas	230	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Sobre o motivo da escolha do local para dormir, 48,7% dos participantes responderam que escolhem o local de repouso por questões de segurança. Em relato no diário de campo, pode-se perceber a relevância do albergue também como fator de proteção:

“Deveria ter mais abrigos para pessoas com doenças poderem ficar durante o dia também. Meu medicamento dá sono e à noite fico mais vulnerável na rua” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 4).

Outro fator relevante para a escolha do local para dormir foi o conforto, uma vez que 14,4% dos entrevistados revelaram que este é um dos motivos que elegem o local para pernoitar. Além disso, 10,8% da população pesquisada relataram que o local onde dormem é a única opção disponível. Outros critérios também foram citados, como pode ser observado na Tabela 8, a seguir:

Tabela 8 – Motivos pela escolha do local para dormir

Motivos pela escolha do local	Quantidade de respostas	% de casos
Segurança	81	48,7%
Conforto	24	14,4%
Única opção	18	10,8%
Tranquilidade	15	9,0%
Amizades	10	6,0%
Proximidade com outro local	10	6,0%
Área física	8	4,8%
Não sabe	5	3,0%
Reinserção	3	1,8%
Alimentação	3	1,8%

Higiene	2	1,2%
Onde trabalha	2	1,2%
Indicação	2	1,2%
Visibilidade	2	1,2%
Permissão	1	0,6%
Sem normas	1	0,6%
Total de entrevistados	166	
Total de respostas	187	

Fonte: elaborado pelos autores (2000).

As análises posteriores correspondem ao contato dos entrevistados com sua família e onde e/ou com quem buscavam auxílio em situações de emergência. A maioria dos entrevistados (65,3%) referiram ter contato com a família. Desse total, 46,8% declararam ter contato com mãe/pai e 44,1% com irmão/irmã, sendo estes os principais familiares a quem buscavam contatar. Diferentemente, em uma pesquisa realizada em Porto Alegre, 87,9% dos entrevistados referiram encontrar dificuldades em manter contato com seus familiares (FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA, 2016).

Em relação a situações de emergência, os dados evidenciaram que os entrevistados buscavam, em sua maioria, Serviços de Emergência (Polícia, Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) (34,1%) e familiares (31,2%). Em terceiro lugar, apareceram os serviços e políticas públicas (15,9%). É importante destacar que 10,6% das respostas diziam respeito à opção “ninguém”, ou seja, nesses casos, os entrevistados não recorreriam a nenhuma ajuda, caso estivessem em situação de emergência. Tais dados podem ser observados no Gráfico 7 e nas Tabelas 9 e 10.

Gráfico 7 – Contato com a família

Mantém contato com a família?

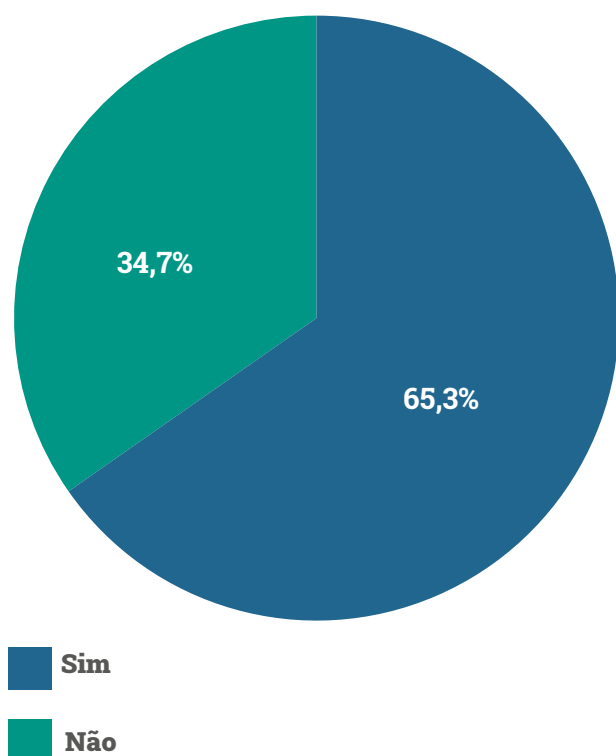


Tabela 9 – Contato com a família

Quem?	Respostas	% de casos
	n	
Mãe/Pai	52	46,8%
Irmão(ã)	49	44,1%
Filho(a)	35	31,5%
Tio(a)	13	11,7%
Ex-esposa	7	6,3%
Esposa	5	4,5%
Avô/Avó	5	4,5%
Padrasto/Madrasta	2	1,8%
Primo(a)	2	1,8%
Cunhado	1	0,9%
Neta	1	0,9%
Parentes	1	0,9%
Sogros	1	0,9%
Total de respondentes	111	
Total de respostas	174	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Tabela 10 – Apoio em situação de emergência

Em situação de emergência, você procura quem?	Respostas	% de casos
	n	
Serviços de Emergência (Polícia, SAMU)	58	34,1%
Familiares	53	31,2%
Serviços e Políticas Públicas	27	15,9%
Ninguém	18	10,6%
Amigos	17	10,0%
Deus	9	5,3%
Pessoas em situação de rua	8	4,7%
Sociedade civil	4	2,4%
Comunidade terapêutica	2	1,2%
Organização da Sociedade Civil	1	0,6%
Total de respondentes	170	
Total de respostas	197	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

3.3 EDUCAÇÃO

Esta seção abordará os aspectos relacionados à educação da população em situação de rua de Novo Hamburgo. Como pode-se observar na Tabela 11, os dados indicaram a baixa escolaridade dos participantes da pesquisa, com uma taxa de analfabetismo de 3,5%. Dos entrevistados, 60,6% não possuíam o ensino fundamental completo e apenas 14,7% concluíram o ensino médio. A proporção de pessoas que tiveram acesso ao ensino superior foi de 2,4%, dos quais 0,6% possuíam ensino superior completo. Esse perfil educacional aproxima-se do que foi encontrado no mapeamento da População em Situação de Rua na Região Metropolitana de Porto Alegre, em

que 55% não haviam completado o ensino fundamental e apenas 11,5% haviam concluído o ensino médio.

A taxa de analfabetismo da pesquisa mencionada ficou em 2,1%, por outro lado, 4,2% das pessoas entrevistadas alcançaram o ensino superior (CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL, 2017). O desejo por retornar aos estudos foi citado pelos participantes:

“[...] pretendo voltar a estudar, alugar um local e voltar a trabalhar”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 31).

Tabela 11 – Escolaridade

Escolaridade:	n	% válido
Analfabeto	6	3,5%
Ensino Fundamental Incompleto	103	60,6%
Ensino Fundamental Completo	18	10,6%
Ensino Médio Incompleto	14	8,2%
Ensino Médio Completo	25	14,7%
Ensino Superior Incompleto	3	1,8%
Ensino Superior Completo	1	0,6%
Total	170	100,0

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Dentre as atividades que os participantes mais gostam de fazer, conforme Tabela 12, pode-se citar que 27,1% dos entrevistados tinham preferências por atividades esportivas, na sequência apareceram as atividades de socialização (23,5%), depois o gosto pela música (15,9%) e pela leitura (12,4%). Sobre isso, uma pesquisa censitária realizada em 2019 no município de São Paulo identificou que 22% dos participantes citaram atividades culturais como forma de lazer (SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

SOCIAL, 2019).

Já os dados da Região Metropolitana de Porto Alegre, indicaram que a forma mais citada de diversão foi música (33,1%), seguida por esportes (24%) e caminhadas (21,7%) (CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL, 2017). Esses dados são importantes, pois fornecem um panorama das atividades preferidas da população em situação de rua, podendo, assim, subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas e projetos condizentes com a realidade dessa população.

Tabela 12 – Atividades que gosta de fazer

Que atividades gosta de fazer?	Respostas	% de casos
	n	
Esportes	46	27,1%
Socialização	40	23,5%
Música	27	15,9%
Leitura	21	12,4%
Caminhar	17	10,0%
Religião	17	10,0%
Trabalhar	17	10,0%
Não se diverte	14	8,2%
TV e Filmes	14	8,2%
Artesanato	12	7,1%
Álcool/drogas	10	5,9%
Internet	9	5,3%
Autocuidado	7	4,1%
Descansar	6	3,5%
Festas e bailes	5	2,9%
Atividades educacionais	3	1,8%
Cantar	3	1,8%
Escrever	3	1,8%
Jogos recreativos	3	1,8%
Cozinhar	2	1,2%
Desenhar	2	1,2%
Jardinagem	2	1,2%
Rádio	2	1,2%
Teatro	2	1,2%
Brincar com cachorros	1	0,6%
Comer	1	0,6%
Passear	1	0,6%
Pescar	1	0,6%
Total de respondentes	170	169,4%
Total de respostas	288	

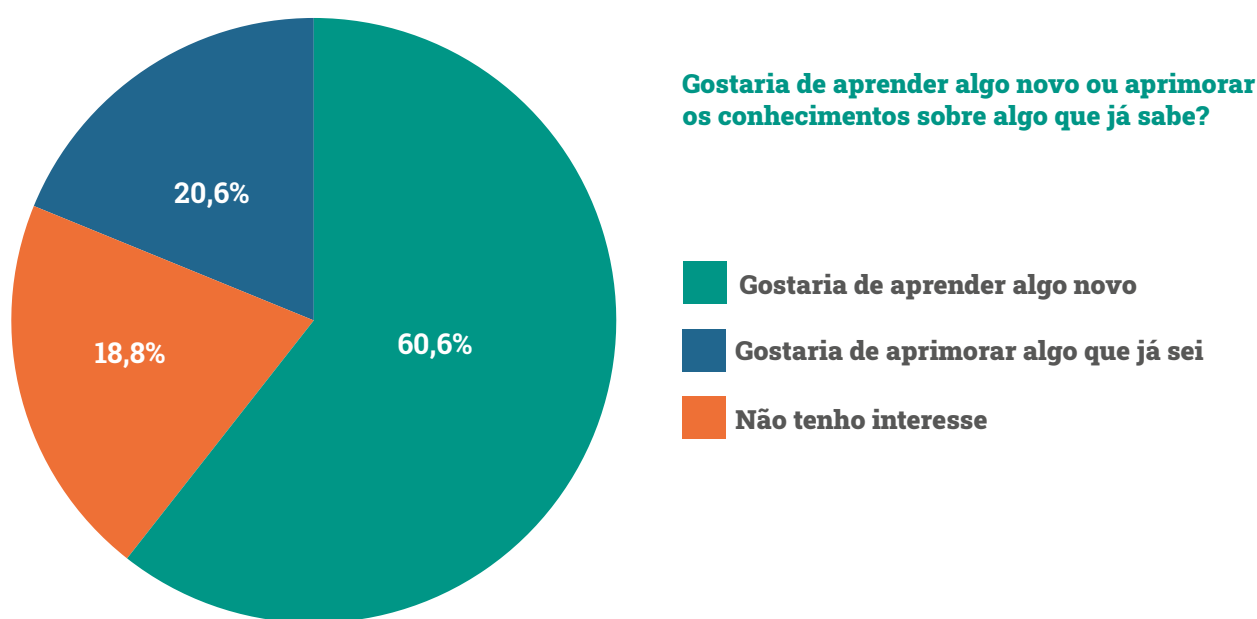
Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Quando questionados sobre o desejo de aprender algo novo, mais da metade dos participantes (60,6%) demonstraram interesse e 20,6% afirmaram que gostariam de aprimorar algum conhecimento que já possuíam, como mostra o Gráfico 8. Para os indivíduos que relataram o desejo de aprender algo novo ou aprimorar algo que já sabiam, foram questionados os temas de interesse, apresentados na Tabela 13: 22,9% relataram a vontade de retomar os estudos curriculares e concluir o ensino fundamental ou médio; 11,8% revelaram um desejo de

aprender ou de se aprimorar nas artes; e 11,1% citaram o aprendizado da informática. No que diz respeito ao desejo de aperfeiçoamento, um dos entrevistados relatou:

“Acho que deveriam ter mais cursos pra se ocupar. Em Porto Alegre, fiz vários. Aqui deveria ter mais espaços para oficinas.”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 13).

Gráfico 8 – Desejo de aprender



Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Tabela 13 – O que gostaria de aprender/aprimorar

O que gostaria de aprender/aprimorar	Quantidade de respostas	% de Casos
Estudos curriculares	31	22,9%
Artes	16	11,8%
Informática	15	11,1%
Administração	12	8,9%
Culinária	10	7,4%
Mecânico	10	7,4%
Salão de beleza	10	7,4%
Ensino superior	9	6,6%
Elétrica	9	6,6%
Música	7	5,2%
Panificação	7	5,2%
Área da saúde	6	4,4%

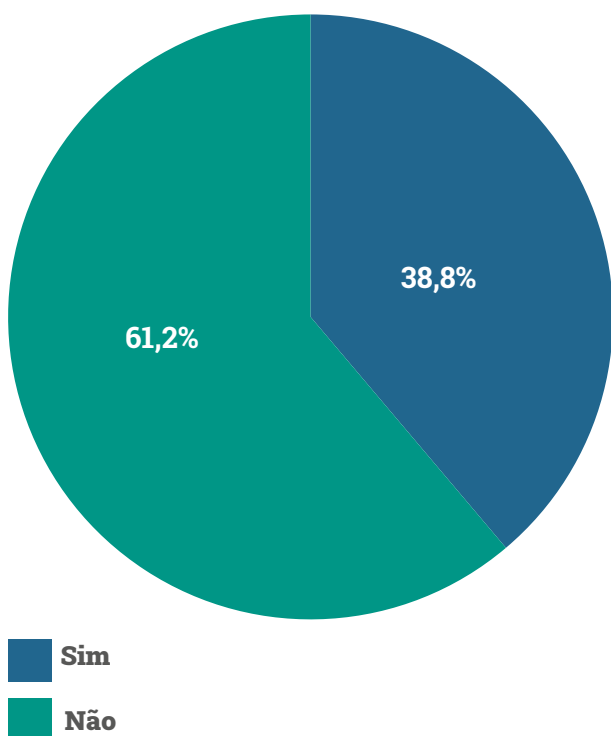
Construção civil	6	4,4%
Idiomas	5	3,7%
Costura	3	2,2%
Radialista	3	2,2%
Garçom	3	2,2%
Não sabe	2	1,5%
Assistência Social	1	0,7%
Teatro/circo	1	0,7%
Cuidar de crianças	1	0,7%
Veterinária	1	0,7%
Direção	1	0,7%
Esporte	1	0,7%
Portaria	1	0,7%
Marcenaria	1	0,7%
Total de entrevistados	135	
Total de respostas	172	

Fonte: elaborado pelos autores (2000).

No que tange à inclusão digital, apenas 38,8% dos entrevistados mencionaram possuir acesso à internet, conforme Gráfico 9. Com relação ao meio de acesso, 53% citaram o telecentro, 27,3%, o celular particular, 10,6%, lan house, 4,5% acessavam na casa de familiares, 3,0%, no Abrigo Municipal e 1,5%, na Biblioteca Pública. O acesso à informação e ao conhecimento é essencial para a participação da PSR em projetos sociais, além de representar uma forma democrática de comunicação. Aponta-se para a importância de os serviços destinados à população em situação de rua de Novo Hamburgo oferecerem espaços destinados à inclusão digital.

Gráfico 9 – Acesso à internet

Você tem acesso à internet?



Dentre aqueles que possuíam acesso à internet, 56,9% dos indivíduos revelaram que costumam entrar em redes sociais, 33,8% relataram acessar vídeos e filmes, 20%, música e 15,3% faziam uso da internet para leitura de notícias em geral. Tais dados podem ser visualizados na Tabela 14.

Sobre os aspectos relacionados à cidadania e à participação da população em situação de rua em movimento sociais, 63,3% dos entrevistados não possuíam interesse e 29,0% informaram que tinham interesse em participar de atividades futuras. Apenas 7,7% indicaram que já participavam de movimentos sociais. Essa informação corrobora dados do censo de São Paulo, no qual se constatou que a maioria não participava de nenhum movimento social (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, 2015).

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Tabela 14 – O que acessa na internet

O que acessa	Quantidade de respostas	% de casos
Redes sociais	37	56,9%
Vídeos	22	33,8%
Música	13	20,0%
Notícias	10	15,4%
Estudo	4	6,1%
Jogos	3	4,6%
Imagens	2	3,1%
Conteúdo religioso	2	3,1%
Leitura	1	1,5%
Pornografia	1	1,5%
Total de entrevistados	65	
Total de respostas	95	

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

3.4 TRABALHO E RENDA

Esta categoria abordará o contexto de trabalho e de renda da população em situação de rua de Novo Hamburgo. O valor da renda média diária dos entrevistados foi de 51,95 reais (DP: 46,6). Importante destacar que, o alto desvio padrão aponta para a desigualdade na renda dessa população. Também cabe salientar que, nessa questão, 80 participantes informaram a renda diária e os outros 90 não souberam informar. A maioria dos participantes não possuía vínculo de trabalho formal (98,2%). Dentre os entrevistados, 33,5% não possuíam atividades ocupacionais formais ou informais, dado que se aproxima dos achados de um estudo realizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, em que 34,5% dos entrevistados não possuíam ocupação ou atividade econômica (CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL, 2017).

A população em situação de rua de Novo Hamburgo é composta, em sua maioria, por trabalhadores informais que não possuem emprego com carteira assinada, conforme Gráfico 10. Nesse contexto, dentre as ocupações citadas, detalhadas na Tabela 15, 12,4% trabalhavam com reciclagem, 10,6% eram vendedores ambulantes e 9,4% proveram sua renda com trabalhos na área da construção civil. Sobre esses aspectos, um censo realizado em São Paulo em 2019 também indicou que a reciclagem (19,9%) e o comércio ambulante (13,8%) estavam entre as principais formas de sustento econômico da população

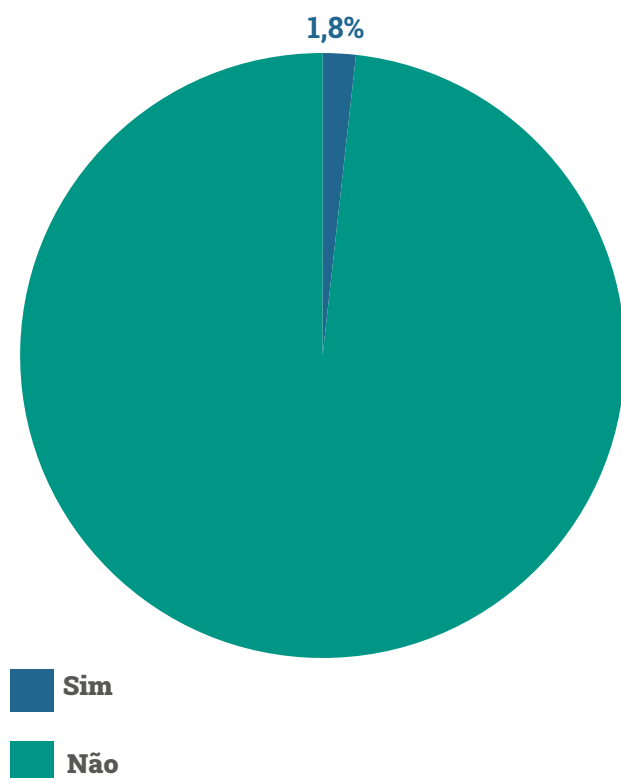
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2019). Fatores como a baixa escolaridade, ausência de documentos, ausência de comprovante de residência e a própria falta de habitação contribuem para que a população em situação de rua não tenha acesso ao trabalho e à renda formal. Os relatos a seguir exemplificam essa situação:

“Precisa mais oportunidade de emprego para os moradores de rua. Sem precisar de comprovante de residência”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 49).

“A pessoa em situação de rua precisa de oportunidades. A situação de rua não é informada e não é realidade para aqueles que não estão. Precisamos de campanhas de prevenção e oportunidades de trabalho para a pessoa em situação de rua. É necessário um entretenimento ocupacional para parar o uso (de drogas)”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 12).

Gráfico 10 – Emprego

Possui emprego?



Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Tabela 15 – Principal atividade/ocupação

Principal ocupação/atividade	n	% válido
Não possui	57	33,5
Catador/reciclador	21	12,4
Vendedor ambulante	18	10,6
Construção civil	16	9,4
Guardador de carro	13	7,6
Pedir doação da sociedade civil	13	7,6
Faxina/limpeza	6	3,5
Artesão	5	2,9
Carga e descarga	4	2,4
Jardinagem	3	1,8
Mecânico	3	1,8
Garçom	2	1,2
Panfletagem	2	1,2
Recebe ajuda familiar	2	1,2
Artista	1	0,6
Cabeleireiro	1	0,6
Estudante	1	0,6
Lavagem de carro	1	0,6
Tráfico	1	0,6
Total	170	100

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Referentemente ao complemento da renda mensal, os dados indicaram que 68,2% dos entrevistados contavam com o Programa Bolsa Família e 10,2% exerciam atividade de trabalho extra como fonte de renda complementar, como pode ser visualizado na Tabela 16. Em relação a esses outros meios de subsistência, os dados do censo de São Paulo indicaram que 43,88% complementavam a sua renda através de benefícios assistenciais, apontando, assim, para a importância dos programas governamentais de transferência de renda e da Previdência Social (SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2019).

Tabela 16 – Fonte de renda complementar

Fonte de renda complementar	n	% válido
Bolsa família	60	68,2
Atividade de trabalho extra	9	10,2
Aposentadoria	4	4,5
Não possui	4	4,5
Auxílio doença	3	3,4
Doação da sociedade civil	3	3,4
Auxílio familiar	2	2,3
Aluguel de casa	1	1,1
Benefício de prestação continuada (BPC)	1	1,1
Prostituição	1	1,1
Total válido	88	100,0
Não se aplica	82	
Total geral	170	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

3.5 ASSISTÊNCIA SOCIAL

Esta categoria abordará as ações de assistência social que, por meio de serviços, atuam na garantia de direitos da população em situação de rua. Conforme detalhamento da Tabela 17, no que se refere à posse de documentação básica, constatou-se que 75,3% possuíam Cadastro de Pessoa Física (CPF), 71,7% carteira de identidade e 70,6% Certidão de Nascimento/Casamento/Divórcio. Dentre os entrevistados, 14,1% não possuíam nenhum tipo de documento de identificação ou não responderam. Cabe ressaltar que, a posse de documentos formais de identificação constitui-se em um importante indicador de inclusão social. Esses dados corroboram

informações de pesquisa realizada em Porto Alegre, em que indicadores mostraram que mais de 60% afirmaram possuir documentos importantes como Carteira de Identidade (65,4%), CPF (61,4%) e Certidão de nascimento (61,3%) (FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA, 2016). A conservação desses documentos para quem vive na rua é precária devido às condições em que se encontram, pois a escassez de abrigo, furtos recorrentes, ações policiais e de “ordem pública”, com forçadas remoções e contato físico brusco, produzem repetidas perdas, fazendo-se necessário emitir novos documentos constantemente.

Tabela 17 – Documentos

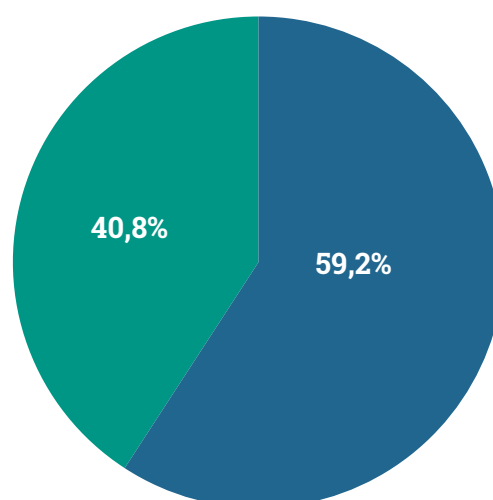
Quai(s) documento(s) possui?	Respostas	% de casos
	n	
CPF	128	75,3%
Carteira de Identidade	122	71,7%
Certidão de Nascimento/Casamento/Divórcio	120	70,6%
Carteira de Trabalho	91	53,5%
Cartão SUS	86	50,6%
Título de Eleitor	77	45,3%
Carteira de Reservista	48	28,2%
Não respondeu/Não possui	24	14,1%
CNH	2	1,2%
Total de respondentes	170	
Total de respostas	698	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

No que se refere ao Cadastro Único do Governo Federal, 59,2% dos entrevistados possuíam registro, a maioria por ser beneficiário do programa Bolsa Família (47,9%), como ilustram os Gráficos 11 e 12. Além disso, 7,2% dos participantes eram beneficiários de outros programas sociais, como, por exemplo, auxílio-doença e aposentadoria por invalidez, como mostra o Gráfico 13.

Gráfico 11 – Cadastro Único

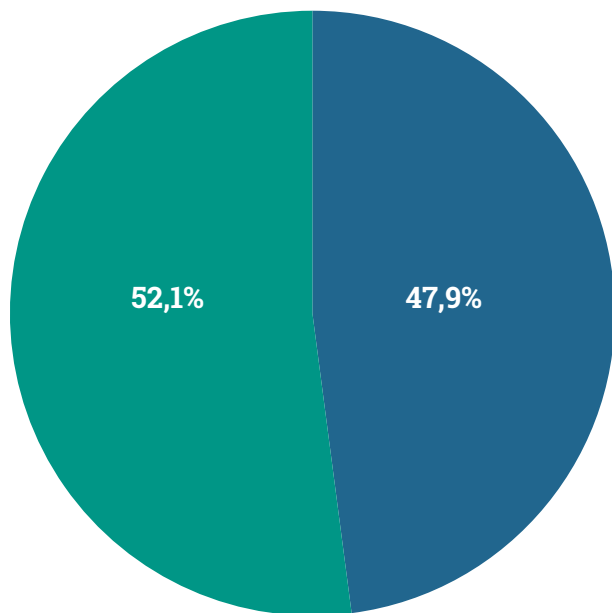
Possui Cadastro Único?



Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Gráfico 12 – Bolsa Família

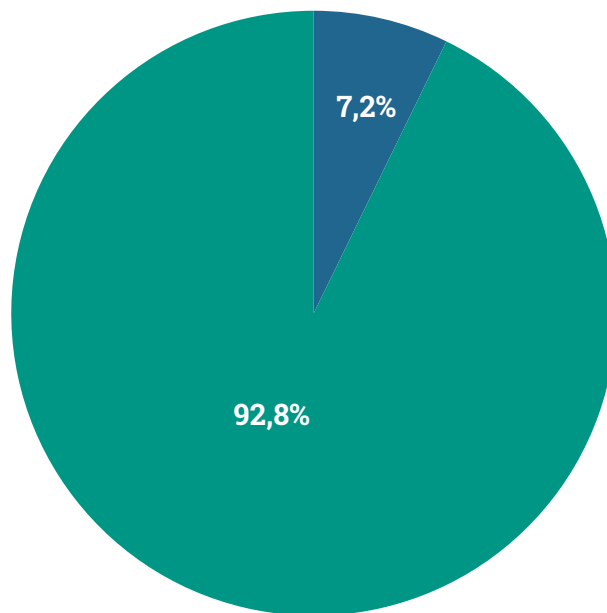
Beneficiário Bolsa-família



Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Gráfico 13 – Outros Programas

Beneficiário outros programa sociais



Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Dentre os serviços já acessados pelos entrevistados, listados nas Tabelas 18 e 19, os mais citados foram o Centro POP (91,1%), o Albergue Municipal (67,5%) e as OSCs (66,3%). Quando questionados sobre qual seria a instituição mais utilizada e os motivos da escolha, a maioria (62,2%) dos entrevistados apontou o Centro POP como principal. Outro local citado por essa população (20,7%) foi o Albergue Municipal. O Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) também foi citado por 7,3% dos participantes. Dentre os motivos que levaram à escolha de acesso aos serviços, como pode-se observar na Tabela 20, 43,3% citaram o apreço pelos profissionais que trabalhavam nessas instituições. Além disso, a questão da disponibilidade de alimentação foi um fator importante e representou 29,2% das respostas. Ainda, um espaço para a higiene pessoal também apareceu como justificativa elevada para o acesso aos serviços (28,6%). Alguns entrevistados exemplificaram esses dados:

“Utilizo mais o Centro POP, gosto de tudo, o trabalho é bem legal e o atendimento dos profissionais é bom”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 4);

“Albergue, gosto da comida e da segurança, atendentes são educados”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 68);

“CAPS AD. Vou lá todo dia. Gosto de lá, faço trabalhos de artesanato, olho filmes”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 43).

Tabela 18 – Serviços Acessados em Novo Hamburgo

Quais serviços já acessou em Novo Hamburgo?	Respostas	% de casos
	n	
Centro POP	154	91,1%
Albergue Municipal	114	67,5%
Organização da Sociedade Civil (OSC)	112	66,3%
Unidade de Pronto Atendimento (UPA)	90	53,3%
Unidade Básica de Saúde (UBS)	81	47,9%
Consultório de Rua	62	36,7%
Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD)	58	34,3%
Comunidade Terapêutica	57	33,7%
Abrigo Municipal	35	20,7%
Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)	7	4,1%
Telecentro	5	3,0%
Nenhum	3	1,8%
Centro de Referência da Assistência Social (CRAS)	2	1,2%
Farmácia comunitária	2	1,2%
Agência Municipal de Emprego	1	0,6%
Hospital Geral	1	0,6%
Prefeitura	1	0,6%
Total de respondentes	169	
Total de respostas	785	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Tabela 19 – Serviços mais acessados pela população em situação de rua de Novo Hamburgo

Local	Quantidade de respostas	% de casos
Centro POP	102	62,2%
Albergue	34	20,7%
CAPS AD	12	7,3%
Abrigo	9	5,5%
Nenhum	7	4,3%
Horta Comunitária	5	3,0%
UPA	4	2,4%
CAUDEQ	2	1,2%
Fazenda Renascer	2	1,2%
Comunidade Terapêutica	2	1,2%
Todos	2	1,2%
Prefeitura	1	0,6%
Resgate Jovem	1	0,6%
Total de entrevistados	164	
Total das respostas	183	

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Tabela 20 – Principal motivo de acesso aos serviços

Motivo	Quantidade de Respostas	% de casos
Profissionais	71	43,3%
Alimentação	48	29,2%
Higiene	47	28,6%
Amizade	26	15,8%
Atividade	18	11%
Dormir/descansar	16	9,7%
Tudo	10	6,1%
Sem Motivo	10	6,1%
Necessidade	8	4,9%
Atendimento Médico	7	4,3%
Guarda de Pertences	6	3,6%
Segurança	5	3,0%
Espaço Físico	4	2,4%
Total de Entrevistados	164	
Total das Respostas	276	

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

No que se refere às melhorias que poderiam ser implantadas nos serviços acessados, conforme Tabela 21, 37,2% dos entrevistados não souberam responder, 24,3% revelaram que havia uma necessidade de melhoria no âmbito da assistência social e 14,1% sinalizaram que os profissionais desses ambientes deveriam oferecer um atendimento mais humanizado, com melhor capacitação para o acolhimento dos usuários. Atividades voltadas ao ensino e à renda também foram alvo de sugestões dos entrevistados (9%). Os entrevistados comentaram:

“Gostaria que tivesse a criação de serviços para melhorias, por exemplo, o albergue, que tem poucas vagas e a criação de um lugar para pernoitar” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 29);

“Falou que deveria ter mais assistência para quem está na rua. Ter mais política de ressocialização, com um espaço para ficar o dia todo com atividades e tratamento de drogas” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 104).

Tabela 21 – Melhorias nos serviços acessados

O que poderia melhorar nesses serviços	Quantidade de respostas	% de casos
Não soube responder	58	37,2%
Melhoria na assistência social	38	24,3%
Profissionais mais capacitados	22	14,1%
Mais atividades de ensino e renda	14	9,0%
Melhor acesso à saúde	10	6,4%
Mais vagas nos albergues, centro POP e abrigos	9	5,8%
Mais ofertas de alimentação comunitária	8	5,12%
Usuários mais compreensivos	7	4,5%
Melhores condições de higiene e limpeza	3	1,9%
Total de entrevistados	156	
Total de respostas	169	

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Ainda sobre os serviços públicos, foi perguntado aos entrevistados o que seria necessário para melhorar o atendimento à PSR no município. Como demonstra a Tabela 22, a maioria dos entrevistados (48,8%) citou a necessidade de políticas de geração de renda/trabalho. Esse dado corrobora a discussão de Farias (2007), que evidencia a necessidade de políticas públicas que possam fomentar a inserção em atividades produtivas, a fim de promover geração de renda e uma vida digna. A necessidade de novos serviços/projetos públicos foi citada por 32,9% das pessoas, seguida de políticas para habitação e moradia (30%) e atendimento mais qualificado/humanizado (18,8%).

Tabela 22 – Melhorias para atender a PSR

O que seria necessário para melhor atender a PSR?	Respostas	% de casos
	n	
Políticas de geração de renda/trabalho	83	48,8%
Novos serviços/projetos públicos	56	32,9%
Políticas para habitação/moradia	51	30,0%
Atendimento mais qualificado/humanizado	32	18,8%
Nada, está bom assim	17	10,0%
Políticas sobre uso de drogas	14	8,2%
Conscientização da sociedade	13	7,6%
Alimentação	6	3,5%
Atividades recreativas	4	2,4%
Políticas de reinserção social	4	2,4%
Políticas educacionais	4	2,4%
Segurança pública	2	1,2%
Atendimento psicológico	2	1,2%
Abordagens sociais	1	0,6%
Acesso ao transporte público	1	0,6%
Limpeza das ruas	1	0,6%
Políticas de saúde	1	0,6%
Total de respondentes	170	
Total de respostas	292	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

3.6 SAÚDE

Esta temática abordará os aspectos relacionados à saúde dos entrevistados. Ressalta-se que todas as doenças citadas foram autodeclaradas pelos participantes. A patologia que se sobressaiu dentre as relatadas foi a depressão, citada por 28,8% dos participantes. Diante desse alto índice, percebem-se as complicações psicossociais da população em situação de rua, uma vez que a depressão afeta não só os aspectos psicológicos como também o contexto comunitário. Cabe destacar que, de acordo com um relatório divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que 4,4% da população global sofra de depressão. Entre 2005 e 2015, o número de pessoas que vivem com depressão aumentou 18%.

No Brasil, a depressão atinge 11,5 milhões de pessoas (5,8% da população) (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017). Diante disso, observa-se que o percentual de pessoas em situação de rua que declarou vivenciar a depressão é consideravelmente superior ao da média nacional. A seguinte fala, relatada em Diário de Campo, exemplifica esse cenário:

“O problema de tudo é a adicção e a depressão, isso que leva o pessoal a ir pra rua. Todo mundo na rua tem problema mental, a adicção é um problema mental, eu tô me recuperando já”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 127).

Nesta pesquisa, como pode-se observar na Tabela 23, contabilizando-se o grupo geral de sintomas ou doenças mentais (depressão, ansiedade, transtorno bipolar, esquizofrenia, síndrome do pânico e insônia), chega-se a um percentual de 62,8%. Além disso, foram observadas outras patologias recorrentes, como dores crônicas (18,9%) e HIV (13,5%). Somando-se o percentual de HIV, hepatite e sífilis (27%), visualiza-se uma disseminação de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre essa população.

Com isso, deve-se atentar aos métodos de prevenção a essas patologias, como o uso de preservativos e a disseminação de informações a respeito de sua transmissão e agravos. Em comparação com o Boletim Epidemiológico relacionado à AIDS e ao HIV de 2019 (BRASIL, 2019), o atual estudo encontra-se com dados superiores, fazendo com que o HIV seja uma doença corriqueira no cotidiano da população em situação de rua.

Tabela 23 – Problemas de saúde

Tem problemas de saúde?	Respostas	% de casos
	n	
Depressão	32	28,8%
Dores crônicas	21	18,9%
HIV	15	13,5%
Deficiência física	14	12,6%
Hepatite	10	9,0%
Hipertensão	10	9,0%
Doença bucal	9	8,1%
Asma	8	7,2%
Hérnia	7	6,3%
Ansiedade	6	5,4%
Doenças cardiovasculares	6	5,4%
Sífilis	5	4,5%
Transtorno bipolar	5	4,5%
Câncer	4	3,6%
Convulsões	4	3,6%
Dependência química	4	3,6%
Diabetes	4	3,6%
Doenças respiratórias	4	3,6%
Tuberculose	4	3,6%
Bronquite	2	1,8%
Doença renal	2	1,8%
Epilepsia	2	1,8%
Rinite alérgica	2	1,8%
Úlcera	2	1,8%
Cirroze	1	0,9%
Cirurgia abdominal	1	0,9%
Alzheimer	1	0,9%
Anemia	1	0,9%
Doença intestinal	1	0,9%
Esquizofrenia	1	0,9%
Estrabismo	1	0,9%

Gastrite	1	0,9%
Glaucoma	1	0,9%
Hipoglicemia	1	0,9%
Hipotensão	1	0,9%
Insônia	1	0,9%
Pedra na vesícula	1	0,9%
Problema de deglutição	1	0,9%
Síndrome do pânico	1	0,9%
Tremores essenciais	1	0,9%
Total de respondentes	111	
Total de respostas	198	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Sobre o uso de medicações, 38% dos entrevistados relataram utilizar alguma terapia medicamentosa, enquanto 62% referiram não utilizar nada. Uma vez observado que muitos desses indivíduos declararam possuir patologias psicológicas e dores crônicas, faz-se necessário refletir sobre a adesão e o acesso a terapias farmacológicas e psicossociais, como pode-se observar no relato a seguir:

“O entrevistado diz estar depressivo e com pensamentos suicidas [...]. Seus braços estavam cortados [...], se cortou em função da síndrome do pânico e não sabe quanto tempo aguentará sem a medicação” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 176).

Ao serem questionados sobre o local onde realizam as refeições, como detalha a Tabela 24, 42,3% dos entrevistados responderam que fazem as alimentações em restaurantes. Conforme relato dos entrevistados, são esses estabelecimentos que fazem a doação de alimentos às pessoas em situação de rua. Além disso, 36,8% dos entrevistados relataram realizar as refeições na rua. O Centro POP, além de ser uma referência como ambiente de assistência social, também foi citado por 30,1% como local de alimentação.

Tabela 24 – Local das refeições

Onde você realiza as refeições?	Respostas	% de casos
	n	
Restaurante	69	42,3%
Rua	60	36,8%
Centro POP	49	30,1%
Albergue	25	15,3%
Padaria	15	9,2%
Abrigo	11	6,7%
Comunidade terapêutica	7	4,3%
Casa de familiar	6	3,7%
Lancherias	6	3,7%
Igrejas	3	1,8%
CAPS	2	1,2%
Praça	1	0,6%
Trabalho	1	0,6%
Fruteira	1	0,6%
Total de respondentes	163	
Total de respostas	256	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Em relação à alimentação, o arroz (70,9%) e o feijão (67,3%) ganharam destaque, o que pode ser visto na Tabela 25. A carne foi citada apenas por 30,9% da população entrevistada. Alimentos, como salada (10,9%), frutas (5,5%) e verduras e legumes (1,8%), que são considerados importantes para a saúde alimentar, raramente foram citados. Esses dados vão ao encontro da pesquisa de Duarte (2019), que buscou investigar a alimentação da população em situação de rua e evidenciou que o arroz e o feijão foram protagonistas. Além disso, a maioria da

população entrevistada (71,6%) revelou que obtém os alimentos através de doações, 45,7% através do auxílio de serviços públicos e 12,3% realizavam a compra dos alimentos, conforme Tabela 26. Esses dados se assemelham a uma pesquisa realizada em Porto Alegre, que indicou que mais da metade (52%) dos participantes recorriam a alguma organização destinada para a distribuição de alimentos (FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA, 2016).

Tabela 25 – Alimentação

Do que você se alimenta?	Respostas	% de casos
	n	
Arroz	39	70,9%
Feijão	37	67,3%
Carne	17	30,9%
Massa	9	16,4%
Pão	7	12,7%
Salada	6	10,9%
Café	4	7,3%
Frutas	3	5,5%
Churrasco	2	3,6%
Salgados	2	3,6%
Sopa	2	3,6%
Maionese	2	3,6%
Leite	1	1,8%
Sobremesa	1	1,8%
Batata	1	1,8%
Verduras/legumes	1	1,8%
Sanduiche	1	1,8%
Carreteiro	1	1,8%
Molho	1	1,8%
Pizza	1	1,8%
Total de respondentes	55	
Total de respostas	138	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

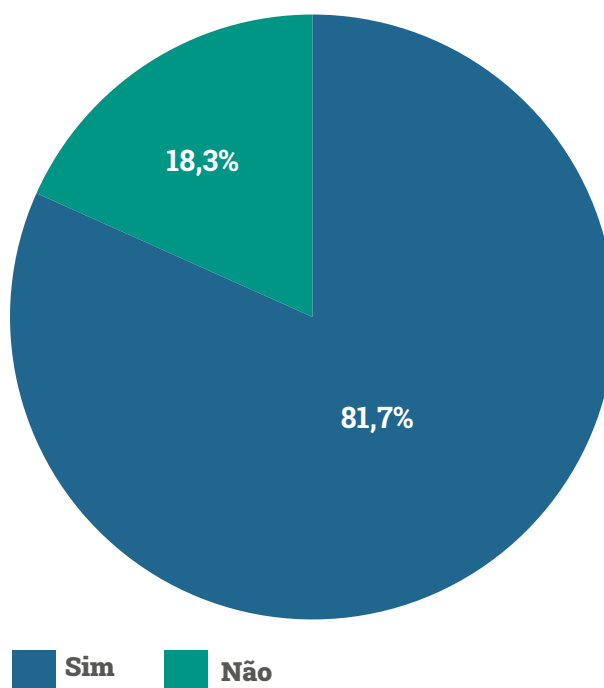
Tabela 26 – Acesso à alimentação

Como você acessa a sua alimentação?	Respostas	% de casos
	n	
Doações	116	71,6%
Serviços públicos	74	45,7%
Compra	20	12,3%
Ajuda de familiares	8	4,9%
Comunidade terapêutica	7	4,3%
Prepara as refeições	6	3,7%
Coleta no lixo	5	3,1%
No trabalho	1	0,6%
Total de respondentes	162	
Total de respostas	237	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Ao serem questionados sobre o uso de substâncias psicoativas, como ilustra o Gráfico 14, 81,7% responderam que utilizavam, enquanto 18,3% revelaram que não. Cabe observar que 3,5% dos participantes não responderam essa questão e 1,8% assinalaram a opção “outras drogas”, citando o uso de LSD, etanol e lança perfume. Diferentemente do que foi constatado em uma pesquisa realizada em Porto Alegre, em que os entrevistados que afirmaram não fazer uso de substâncias ficou acima de 50% (FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA, 2016).

Analisando-se os casos daqueles que afirmaram fazer uso de alguma substância psicoativa, no que se refere à dependência, como detalha a Tabela 27, o cigarro foi citado por 74,3% dos participantes e o crack por 64,7%. Quanto ao uso nocivo, 23,5% dos entrevistados citaram o crack e 12,4% o cigarro. Dentre as substâncias classificadas como de uso recreativo, a maconha foi citada por 51,7% dos entrevistados e o álcool por 30,8%.

Gráfico 14 – Uso de substâncias psicoativas**Faz uso de alguma substância psicoativa?**

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Tabela 27 – Tipo de uso de substância psicoativa

Tipo de uso	Dependência		Uso nocivo		Uso recreativo		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Álcool	33	50,8	12	18,5	20	30,8	65	100,0
Cigarro	78	74,3	13	12,4	14	13,3	105	100,0
Crack	44	64,7	16	23,5	8	11,8	68	100,0
Maconha	21	36,2	7	12,1	30	51,7	58	100,0
Cocaína	8	34,8	6	26,1	9	39,1	23	100,0

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

No que se refere à frequência, analisando-se o uso diário das substâncias, a Tabela 28 indica que 89,4% dos participantes utilizavam o cigarro, 51,6%, o álcool, 50,9%, a maconha e 50%, o crack. Esses dados corroboram o censo realizado em São Paulo, em que 65% utilizavam cigarro, 56,1%, álcool e 28,0%, maconha, em contrapartida 18,9% referiram usar crack (SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2019). Os recortes de falas a seguir exemplificam essa realidade:

“O uso de drogas é para fugir da realidade”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 12).

“Bebo e fumo pra ficar feliz e conseguir uma renda. Ontem me deram de graça uma pedra, guardei na mochila e fui dormir. Acordei com pesadelos e joguei a pedra bem longe. Acredita que consegui dormir? A energia das drogas te puxa pra baixo, isso é horrível”
(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, Entrevista 169).

Tabela 28 – Frequência de uso de substância psicoativa

Se sim, que frequência?	1 vez por semana		2 vezes por semana		3 vezes por semana		4 vezes por semana		5 vezes por semana		7 vezes por semana		Total	
	n	%	N	%	n	%	N	%	n	%	n	%	n	%
Álcool	10	16,1	10	16,1	4	6,5	4	6,5	2	3,2	32	51,6	62	100,0
Cigarro	3	2,9	7	6,7	1	1,0	0	0	0	0	93	89,4	104	100,0
Crack	10	15,2	9	13,6	6	9,1	4	6,1	4	6,1	33	50,0	66	100,0
Maconha	8	14,0	13	22,8	4	7,0	1	1,8	2	3,5	29	50,9	57	100,0
Cocaína	9	40,9	2	9,1	2	9,1	3	13,6	0	0	6	27,3	22	100,0

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Esta cartilha consolida os resultados do primeiro recenseamento da população adulta em situação de rua de Novo Hamburgo, analisando as principais demandas dos entrevistados e fornecendo subsídios para a construção de novas políticas públicas. Contudo, salienta-se que, em função das dificuldades de acesso, não foi contabilizado em sua totalidade o público-alvo deste estudo, apontando para a possibilidade de um número ainda maior de cidadãos vivendo nas ruas. Apesar dessas limitações, a pesquisa contabilizou 215 indivíduos adultos em situação de rua no município.

Os dados sociodemográficos coletados junto às 170 pessoas que aceitaram participar da pesquisa apontaram que 86,5% eram homens e 13,5%, mulheres, 50% brancos e 45,3% pardos e negros, com idade média de 39 anos, com filhos (57,4%), e sem companheiro (a) (83,4%). Destaca-se que 72,8% não eram nascidos em Novo Hamburgo e o tempo médio de permanência na cidade era de 12,3 anos.

Salienta-se a importância de atribuir visibilidade, em especial, às mulheres, às pessoas com deficiência e aos idosos, que, apesar de não comporem a maioria da amostra, possuem demandas específicas no campo das políticas públicas.

Os relatos observados no contexto histórico dos participantes da pesquisa chamaram a atenção. Percebe-se que a maioria dos entrevistados já deixou de estar em situação de rua e retornou, contabilizando-se 60,6%. Os principais motivos que os levaram a estar em situação de rua mostraram-se heterogêneos e relacionados, principalmente, a problemas familiares (70,6%), álcool e drogas (45,3%) e desemprego (19,4%). Diante disso, percebe-se que muitas dessas trajetórias de vida, anteriormente à ida para as ruas, são marcadas por violações de direitos e pela falta de acesso às diferentes políticas públicas, perpassando o acesso à educação, trabalho e rede de proteção social.



Dentre os participantes, 60,6% não concluíram o ensino fundamental, sendo que apenas 14,7% concluíram o ensino médio. Importante destacar que 60,6% dos entrevistados relataram que gostariam de aprender algo novo e 20,6%, de aprimorar algo que já sabem. Nesses dados, visualiza-se que 22,9% sugeriram retomar os estudos curriculares, concluindo o ensino fundamental e/ou médio. Desse modo, evidencia-se a escassez de oportunidades relacionadas ao ensino para essa população e aponta-se para a importância de construção de políticas públicas voltadas à inclusão educacional. Além disso, problematiza-se o processo de exclusão escolar desses sujeitos ao longo da vida.

A partir dos dados relacionados à assistência social, conclui-se que os locais mais frequentados pelos indivíduos entrevistados são o Centro POP (91,1%), o Albergue Municipal (67,5%) e as OSCs (66,3%). Sobre os motivos que levam os entrevistados a escolherem esses espaços, inúmeras respostas foram registradas, dentre as quais destacam-se: o vínculo com os profissionais, a alimentação oferecida e a possibilidade de realização da higiene pessoal. Ressalta-se, nesse sentido, a importância da formação continuada das equipes que atendem as pessoas em situação de rua, o processo de acolhimento e os laços afetivos construídos ao longo do tempo. Esses fatores mostraram-se associados à vinculação dos usuários aos serviços frequentados e merecem destaque.

Diante das melhorias que poderiam ser ofertadas nos serviços, 37,2% não souberam responder, contudo, 24,3% revelaram que existe uma necessidade de melhoria no âmbito da assistência social, apontando para a necessidade de ampliar as políticas públicas voltadas a essa população. Reforça-se, nesse sentido, a importância do envolvimento das pessoas em situação de rua na construção e adaptação das políticas públicas municipais.

Dentre as dificuldades encontradas pelos participantes no ambiente da rua, o preconceito (38,8%) e a violência (35,9%) surgiram como principais, seguidos da fome (31,8%) e do desemprego (31,2%). Esses dados são essenciais e apontam para a necessidade de atribuir visibilidade ao processo discriminatório e excludente vivenciado pelas pessoas em situação de rua no município de Novo Hamburgo. As situações de preconceito e violência relatadas pelos participantes foram, muitas vezes, praticadas pela população em geral e pelos agentes públicos.





A fome que se faz presente no cotidiano da população em situação de rua é vista como uma dificuldade e, durante a pesquisa, evidencia-se que, no município, o acesso à alimentação depende das diversas organizações religiosas e da sociedade civil. Se, por um lado, essa questão aponta para a importância dos movimentos sociais e solidários na garantia de direitos, por outro, descortina a ineficiência do Estado e do município em ações de segurança alimentar e acesso à alimentação saudável à população em situação de rua. O ato de se alimentar é obtido por grande parte da população entrevistada através de doações (48,9%). Além disso, observa-se uma fragilidade na segurança e na qualidade alimentar, caracterizada pelo baixo consumo de frutas, legumes e verduras e pela frequência reduzida de refeições.

No que se refere à renda e ao trabalho, a maioria dos participantes não possuíam vínculo de trabalho formal (98,2%), 33,5% não possui ocupação/atividade e a renda média diária foi de 51,95 reais. Destaca-se que a renda média diária possui alto desvio padrão e é obtida através de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, atividades precárias ou informais. Desse modo, observa-se que a maioria não possui relação empregatícia, de forma que se fazem necessárias ações voltadas à inclusão no mercado de trabalho e à capacitação profissional.

No que tange à saúde, a pesquisa aponta para a evidente necessidade de intervenções no campo da saúde mental: 28,8% dos entrevistados afirmaram sofrer de depressão. Além disso, 18,9% tinham dores crônicas e 13,5% eram portadores de HIV. Com isso, nota-se a necessidade de uma educação continuada voltada à prevenção e promoção da saúde, principalmente no que se refere às ISTs. Ao questionar a respeito do uso de psicoativos, 81,7% dos entrevistados confirmaram o uso. No que se refere à dependência e ao uso nocivo, o cigarro e o crack foram as substâncias mais citadas, apontando para a importância das políticas de redução de danos no município.

A partir dos resultados obtidos na presente pesquisa, recomenda-se ao município de Novo Hamburgo as seguintes ações destinadas à população em situação de rua:

1.	ampliação de ações de acolhimento e tratamento em saúde mental;
2.	disponibilização de serviços para atender pessoas com transtornos mentais severos;
3.	ampliação das ações voltadas à redução de danos;
4.	ações de prevenção à ISTs;
5.	implantação de políticas municipais de geração de renda e emprego;
6.	ampliação de oficinas e acesso à cultura, atividades educacionais e esportivas;
7.	plano de inclusão educacional adaptado às demandas da população em situação de rua;
8.	disponibilização de cursos técnicos e profissionalizantes às pessoas em situação de rua;
9.	construção de plano voltado para a inclusão das pessoas em situação de rua em aluguéis sociais;
10.	construção de projeto de lei para o estabelecimento de cotas para as pessoas em situação de rua nas contratações de serviços terceirizados do município;
11.	facilitação do acesso ao apoio jurídico no que se refere à documentação, aos direitos humanos e à justiça;
12.	acesso facilitado ao transporte público municipal;
13.	reforço dos recursos humanos, garantia orçamentária e condições dignas de trabalho nos serviços e políticas públicas já existentes no município;
14.	políticas públicas destinadas às mulheres, aos idosos e às pessoas com deficiência;
15.	capacitação de agentes públicos no que refere ao acolhimento de pessoas em situação de rua;
16.	plano municipal voltado à prevenção e intervenção em situações de violência destinado aos agentes públicos e à segurança das equipes de trabalho e dos usuários nos espaços destinados ao atendimento da população em situação de rua;
17.	plano municipal de combate ao preconceito e à discriminação das pessoas em situação de rua;
18.	incentivo e viabilização da participação da população em situação de rua nos espaços coletivos decisórios, movimentos sociais, Comitê POP Rua de Novo Hamburgo e assembleias dos diferentes serviços que corroborem a construção e adaptação das políticas públicas municipais;
19.	políticas de habitação para moradia permanente;
20.	ampliação das vagas de albergagem;
21.	plano municipal voltado à segurança e diversificação alimentar das pessoas em situação de rua, com destaque à disponibilização de cozinhas públicas coletivas e à implantação de restaurante popular;
22.	realização de nova pesquisa censitária no prazo máximo de três anos para acompanhar a evolução das ações implantadas e as demandas do público-alvo do estudo.

Finalmente, conclui-se que a população em situação de rua de Novo Hamburgo não é invisível, tem desejo de aprender e de participar ativamente da construção de serviços e políticas públicas. Trata-se de pessoas que estão carentes, não só de moradia e afeto, mas, principalmente, de um lugar de cidadania, respeito e participação social/comunitária. Não é preciso apenas oferecer teto e alimentação, mas o cuidado integral e a garantia dos direitos humanos também são substanciais. Destaca-se a urgente necessidade de que as pessoas nessa condição sejam tratadas como sujeitos de direito e que não sejam reduzidas à situação de rua. A partir dessa pesquisa, pôde-se conhecer não apenas uma realidade paralela em meio a um mundo globalizado e excludente, como, também, encontrar histórias, pessoas e afetos. Por mais que as situações de violação de direitos

apresentem-se entre as vivências dos participantes, também foram ouvidos relatos de acolhimento, proteção e construção de identidades por meio das relações que se estabelecem na rua.

A população em situação de rua, portanto, carece mesmo é de voz e de reconhecimento! Espera-se que estes dados contribuam para a desmistificação de discursos provenientes do senso comum, que, muitas vezes, discriminam, excluem e isolam. Que esses dados possam subsidiar novas políticas públicas e fortalecer as ações municipais já existentes e que a voz da população em situação de rua ecoe através desta cartilha e de diversas outras ações que se somam a este trabalho.



5. RELATOS DOS PESQUISADORES

Neste capítulo são apresentados os relatos dos participantes do projeto. Além disso, são informados os dados para contato com cada um deles.

Carmem Regina Giongo

Psicóloga, Doutora e Pós-doutora em Psicologia Social e Institucional
carmemgiongo@feevale.br

Era um domingo de manhã ensolarado e havíamos organizado as entrevistas em parceria com a Horta Comunitária. A equipe da OSC realizava a entrega de marmitas em diversos pontos da cidade, enquanto apresentávamos a pesquisa e entrevistávamos as pessoas em situação de rua. As conversas se davam na calçada, na parada de ônibus, no banco da praça. Dentre as muitas pessoas que escutei naquela manhã, uma delas, ao final da entrevista, me fez um pedido especial: “se a senhora ficar sabendo que eu morri, por favor, avisa minha ex-mulher? Esse é o número do telefone dela. Meu maior medo é morrer e ser enterrado como indigente”. Além de prolongar

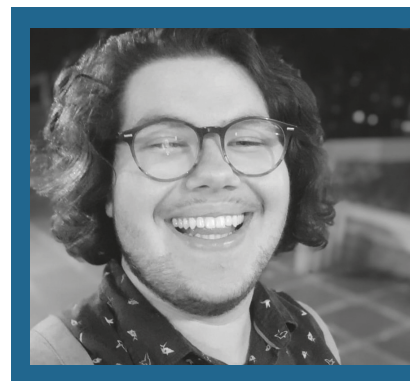
a conversa, tentando oferecer minimamente um acolhimento, anotei o número de telefone e entreguei para a equipe do Centro POP. Eu nunca soube da morte do meu entrevistado, talvez nem saiba se acontecer... Mas carrego o número de telefone comigo até hoje. O trabalho que fizemos na pesquisa e na extensão é claramente um modo de intervenção, mas não posso deixar de

lidar com a minha impotência diante de histórias de desamparo tão grandes. Como pesquisadora, é dolorido me deparar com o abandono e a violência a que as pessoas em situação de rua são submetidas diariamente. Essa dor hoje me constitui e me move. Tem sido uma dor necessária.



Eduardo Souza Passini

Acadêmico do Curso de Psicologia
dudupassini@hotmail.com



Era sexta-feira, dia em que ocorreria o IV Encontro Nacional de Consultórios na/de Rua e eu havia combinado de ir ao evento com duas pessoas em situação de rua. Recebo uma ligação: uma das pessoas com quem iria me encontrar não pôde chegar à universidade – nosso ponto de encontro – pois era muito longe de onde ela havia passado a noite. Meu pai, então, deu carona para nós dois e nos encontramos com a outra pessoa que teria dormido no albergue na noite anterior, próximo à universidade. Pegamos um Uber e fomos a Porto Alegre, onde aconteceria o evento. Foi um dia único, em um espaço onde se deram encontros e debates inspiradores, com trabalhadores e usuários do cuidado em saúde na rua. Também nesse dia, tivemos a oportunidade de conhecer a Orla do Guaíba, momento que guardo com muito carinho em minha memória. Lembro que lá as duas pessoas que estavam comigo identificaram uma pessoa que também estava em situação de rua e, então, conversamos. Logo percebi a empatia na fala delas e a tentativa de amenizar o sentimento de desamparo do outro, falaram tudo que sabiam sobre como sobreviver na rua e como tentar ajuda com transporte para ir até sua cidade de origem. Quando perguntei como eles sabiam que aquela pessoa estava em situação de rua, simplesmente me responderam: “A gente da rua tudo se conhece, e o cara precisava de ajuda”. Mais tarde, já a caminho para Novo Hamburgo, a universidade e o Centro POP viraram assunto. Começaram, então, a falar da importância que os serviços de Assistência Social e os projetos da universidade têm no cotidiano deles, de como os ajudaram a reafirmar suas identidades, reconhecer seus direitos e como vêm lhes ajudando a ressignificar a situação em que se encontram e, ao final, agradeceram. Entendo que

esse agradecimento não se limitava a elogiar meu trabalho ou o da equipe do projeto ou o dos profissionais do Centro POP; esse agradecimento servia e serve como um pedido, como um aviso de que serviços de atenção à população em situação de rua são necessários e fazem a diferença. Procuo, então, sempre me lembrar desse pedido. E, assim, através desse único dia e dos momentos que tive a oportunidade de vivenciar, pude aprender a importância do acolhimento, não como simples assistencialismo ou gesto egoísta, mas como prática, uma prática que visa apenas ao bem-estar do próximo, seja através das práticas profissionais de saúde, assistência social, práticas de pesquisa e de extensão ou, até mesmo, por meio de uma simples escuta sensibilizada. O Eduardo que estava voltando de Porto Alegre com dois usuários do serviço já não era mais o mesmo daquele que fora.



Suane Silva Pinheiro

Psicóloga

suane.sp@gmail.com

Marina Fritz

Acadêmica do Curso
de Enfermagem

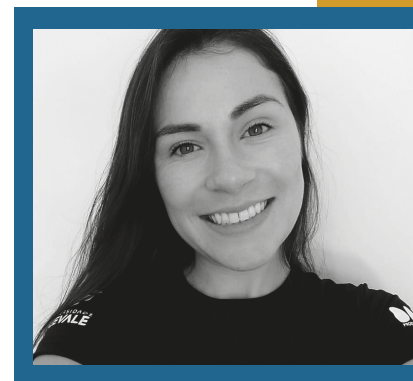
marinafritznh@hotmail.com

São muitas as histórias que me comoveram durante esse período de coleta de dados. Uma, em especial, mexeu comigo. Era um dia normal, de idas e vindas até o Centro POP. Lembro que estava muito quente e eu estava chateada por ter que me deslocar a pé até lá. Quando cheguei, um rapaz logo se prontificou a ser entrevistado. Subimos até uma salinha e lá começamos a entrevista. Ele me contou que era poeta, que vendia seus textos no semáforo por uma contribuição espontânea. Normalmente,



segundo a fala dele, recebia centavos por frases que demora horas para criar. Relatou que, naquela semana, estava muito feliz, havia oferecido sua arte e um senhor havia dado uma nota de cem reais por ela. No início, devolveu o dinheiro e disse ao senhor que ele devia ter se enganado ao retirar a nota da carteira. O senhor do carro, contudo, revelou que aquela arte merecia ser paga pelo valor correto. Na salinha da entrevista, nós dois nos emocionamos. Ao final, ele retirou do bolso um papelzinho, olhou pra mim e disse: “Quero te dar de presente a minha arte, para agradecer essa conversa, me fez muito bem!”. À tarde, já não me importava mais o calor na volta pra casa, só conseguia pensar o quanto uma conversa, um gesto, uma poesia, conseguem alegrar o coração. O sol não era mais tão quente, era acolhedor.

Qual o sentido da rua na vida de quem dela faz sua morada? Quando eu era criança, muitas coisas me inquietavam, confesso que até hoje minha mãe não conseguiu me responder por que as pessoas dormem na rua. Ela poderia apenas me dizer que era pela falta de moradia, mas não, ela estava certa, “essa é uma pergunta difícil minha filha!”. Mal sabia ela a dimensão e a profundidade daquela resposta. Aos poucos, fui entendendo o que ela queria me dizer: a rua pode ser tanta coisa, pode ser casa, passagem, família, resiliência, proteção e afeto. A rua é o corre, é a andança, é a impermanência. Uma hora está, outra hora já passou e não volta mais. Uma hora são vistos e super notados, outra não são nem lembrados. Sabem, já me perguntaram se eu não tinha medo de trabalhar com a população em situação de rua, e eu nunca entendi muito bem essa pergunta, mas hoje eu entendo – tem que ser muito forte mesmo pra estar na rua! A cada história ouvida durante esta pesquisa, um suspiro era lançado... Talvez como tradução da minha revolta, indignação ou ainda a busca por fôlego. O mesmo fôlego que me move e me permite continuar é o mesmo que me desalinha e me faz pensar. Eu cresci e minhas escolhas despreziosas me trouxeram até aqui. A criança inquieta ainda vive dentro de mim, mas agora com uma certeza: se algo nos toca com alma e nos faz sentir, é porque faz sentido. São essas vivências que dão sentido à nossa existência e é através delas que podemos ajudar a ressignificar a existência do outro.



Raquel Meyer Fagundes Backes

Acadêmica do curso

de Psicologia

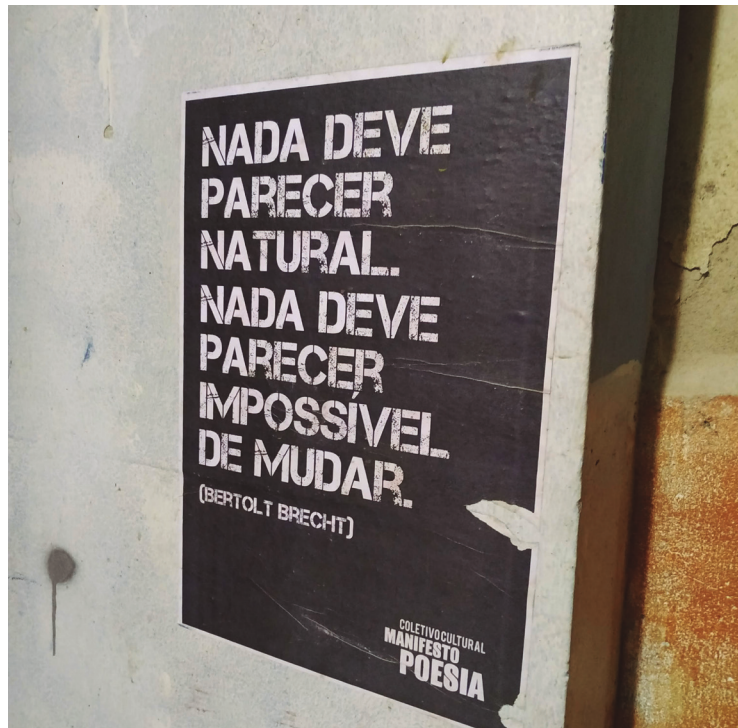
raqbackes@gmail.com

Início este relato citando Emicida, que traduz em arte muito do que venho refletindo desde o dia em que coloquei a prancheta, a pastinha e a caneta na mão e me desloquei para minha primeira coleta da pesquisa: “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós? Alvos passeando por aí... Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência, é roubar o pouco de bom que vivi. Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes. É dar o troféu pro nosso algoz e fazer ‘nóis’ sumir.” Acho que minha melhor experiência de todo esse processo

foi identificar aquilo que é pulsão de vida, bem no sentido psicanalítico do termo, em cada entrevistado ou entrevistada. Lembro que gostava muito de questionar o que essas pessoas gostavam de fazer no seu tempo livre e se tinham intenção de conhecer/estudar algo. Muitas vezes, eu acabava por interromper a linha dos questionamentos e me debruçar um pouco mais sobre isso. Foi nesse

processo que notei o tanto de possibilidades existentes em cada uma dessas pessoas, além de todos os atravessamentos que a violência, o preconceito e as estratégias de sobrevivência impõem nessas vidas. Não falo aqui de resiliência, especificamente, pois não há como negar todos os atravessamentos ditos anteriormente, que seguem todos os dias perpassando essas vidas, mas, sim, das duas coisas juntas: sobreviver e sobre viver. Tudo isso se expressava nas conversas sobre música, sobre os gostos pessoais na alimentação, quando dividíamos uma refeição lá no albergue e tínhamos esse tempo de conversa livre. Teve um dia que um dos entrevistados abriu a carteira e tirou de dentro uma 3x4 de seu amor, e isso me marcou muito. Saía das entrevistas sempre muito mobilizada, com aperto no coração por conta da impotência que sentia. Também saía com uma sensação de que podemos aprender juntos. E martelava na cabeça o quanto são necessárias as políticas públicas de saúde e de assistência social, o quanto é necessário o acolhimento. Sentia que, nesse processo, eu deixava

um pouco de mim e levava um pouco deles. E isso é muito significativo. É sobre afeto. Afetar e se permitir ser afetado. Sei que essa luta de resistência que pude acompanhar pode servir para que mais pessoas em situação de rua possam ter condições melhores no futuro, por isso honro muito cada vida que conheci. Obrigada. De coração.



Scarleth Nardes

Psicóloga, pós-graduanda em
Psicanálise e Prática Clínica

scarlethnardes@gmail.com

Como diz Rubem Alves, em seu poema “A complicada arte de ver”, “Os olhos que moram na caixa de ferramentas são os olhos dos adultos. Os olhos que moram na caixa dos brinquedos, das crianças. Para ter olhos brincalhões, é preciso ter as crianças por nossas mestras”. Desse modo, dou sequência, pensando na diferença que é encontrada no lugar onde os olhos são guardados, pois os olhos que moram na rua são os olhos dos moradores de rua. Para ter olhos como os deles, é preciso te-los como nossos mestres. Disso se faz essa pesquisa, quando são eles, os moradores de rua, que nos ensinam e partilham conosco suas histórias, dos olhos que veem a rua. A rua é o cenário dessa pesquisa, um lugar, para



muitos, desprotegido e, para outros, é a partir dela que se dá a construção da sua identidade. Sempre fui em busca de desafios, de algo que me desacomodasse e me tirasse da zona de conforto, de situações que pudessem, de alguma maneira, me acrescentar experiências e me proporcionassem novos olhares. Recordo um dos momentos mais marcantes durante a coleta de entrevistas. Era uma manhã de quarta-feira, um dos educadores sociais do Centro POP estava inquieto, contando a situação de uma moradora de rua que havia duas semanas não aparecia no serviço e estava deitada ao lado de um cemitério, sem tomar banho e pouco se alimentar. Falou das inúmeras tentativas que haviam realizado para convencê-la a sair de lá, mas todas sem sucesso. Naquele instante, algo em mim despertou, aquela vontade de poder conhecer essa mulher, de acolher sua história e, de alguma maneira, ajudá-la a ressignificar o que estava perdido. Perguntei onde esse local ficava, decidi ir em busca e dar um sentido ainda maior por estar ali naquela manhã. Juntamente com dois profissionais, chegamos ao destino. Lá estava ela, deitada sobre a calçada, com um cobertor tapando seu corpo. Ao nos aproximarmos, a chamamos pelo nome. Um pouco tímida, sentou-se na calçada e pediu para que mantivéssemos distância, estava incomodada com seu próprio mau cheiro. Aos poucos, nos aproximamos, me apresentei. Comecei a escutar sua história e os motivos que a fizeram desistir de viver. Após muita conversa, muitos não, sorrisos, risadas, escutamos um “vou pensar”. A rua nos mostra sinais que pouco percebemos. Desde o sintoma manifesto até a escolha do local para dormir. Essa mulher que escutamos escolheu uma calçada, ao lado do cemitério.



Queria ela morrer ali? No entanto, ao olhar para frente, do outro lado da rua, visualizei um lar de idosos. Que intrigante, não acham? Seria o inconsciente mostrando que nela ainda existia pulsão de vida e que caberia a nós enxergar isso? Naquela manhã, a intervenção na rua fez-se a partir do nosso olhar. Quando a questioneei: “Você está deitada aqui, ao lado de um cemitério, onde só existe pessoas mortas enterradas, mas na minha frente tem alguém bem viva, qual sentido tem isso pra ti?”, ela me olhou fixamente e, no fundo, percebi que o que ela precisava era que alguém emprestasse um significado e a ajudasse a dar um novo sentido para a vida. Mas onde guardamos o nosso olhar, quando eles já não encontram mais saída para as suas angústias? Os olhos que moram na rua dizem-nos mais do que podemos ver, são eles que me convocam a montar um repertório de experiências e vivências para definir a minha capacidade de enxergar além do que vejo.



Maike Luiz de Mello

Assistente social

maikelm@novohamburgo.rs.gov.br

Existe algo muito especial ao trabalharmos com a população em situação de rua; o vínculo afetivo e social que criamos é muito intenso. É uma transferência que, por vezes, assusta e, por vezes, causa enorme frustração.



É como se uma grande família se formasse ali, com seus afetos e desarranjos, com alegria e luto, no sentido literal da palavra. Entrevistei poucas pessoas na pesquisa, de muitos já conhecia a história, pela proximidade e por já estarmos juntos há mais tempo. Em uma das conversas, que não era a primeira

com meu entrevistado, marcou-me um fato que é corriqueiro entre a população em situação de rua: comer comida do lixo. Comida para mim sempre foi sagrado e conhecer uma pessoa que come comida do lixo é extremamente frustrante, quando temos todas as possibilidades, como nação, de impedir que isso aconteça.



Roni Gomes

Educador social responsável
pela Abordagem Social de Rua

abordagensocial@novohamburgo.rs.gov.br

Era a nossa primeira saída de campo e estávamos empolgados para iniciar a pesquisa fora do espaço institucional. Como sou responsável pela Abordagem Social, já havia mapeado os locais que iríamos visitar naquele dia. Nos encontramos no Centro Pop, eu, Eduardo e Scarleth, e saímos em direção ao nosso primeiro destino, onde visitaríamos um casal. Chegamos em um momento delicado; a mulher parecia muito irritada e reclamava aos gritos que ninguém tomaria seu homem. Nós, até então, observávamos tudo a distância, de dentro da Kombi, mas, em um determinado momento, resolvi interferir, já que tinha vínculo com o casal - sobrou até pra mim! Voltei para a Kombi e fomos embora frustrados.



Depois disso, o casal se separou e não foi mais visto por um tempo. Algumas semanas mais tarde, conseguimos, finalmente, fazer a entrevista com a mulher, que hoje mora em um apartamento contemplado no programa Minha Casa Minha Vida. Ela superou a situação de rua.

A rua é assim, efêmera, tudo muda muito rapidamente, construindo histórias com diversos enredos, sofrimentos, violências, carências e dor. Porém, há histórias de amor, paixão e superação, histórias que merecem respeito e não julgamento ou sentença, pois são histórias de pessoas, como eu e você.

6.

O QUE VOCÊ QUERIA DIZER QUE NÃO FOI PERGUNTADO

"A pessoa em situação de rua precisa de oportunidades."

"Muito boa a pesquisa, se vai ajudar é boa. Tomara que saia do papel."

"Se minha mãe estivesse viva eu não estaria nas ruas."

"Antigamente não havia tantos jovens na rua."

"Tenho medo de ser indigente, morrer e não ser identificado."

"Gostaria de conseguir trabalho."

"Várias pesquisas serão feitas e nada vai mudar."

"Só pedir não basta."

Tenho críticas a respeito da segurança pública, acho que 'não dão conta'."

"Sobre a pesquisa, eu acho que é muito importante, muito válida."

Mais atenção para os moradores de rua, nas políticas públicas."

"Achei interessante a pesquisa, não sei o que mudar."

"Quero estudar mais, fazer o mesmo curso que tu faz: enfermagem."

"O preconceito é algo muito sério, acham que todos que estão na rua são ladrão, vagabundo ou usuário de drogas."

"Falei a verdade, não gosto de mentira."

"Gostaria de conseguir trabalho."

"Querer é poder, com a ajuda de Deus."

"É preciso escutar a 'galera' pra saber o que tá acontecendo na rua."

"Vivo só de ajuda."

"Gosto de conversar, me senti bem."

Acho legal o governo promover a comunicação com a PSR."

"Quero sair dessa vida, não é vida pra mim."



REFERÊNCIAS

- BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological methods & research*, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/004912418101000205>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- BRASIL. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 11 abr. 2020.
- BRASIL. Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8742compilado.htm. Acesso em: 11 abr. 2020.
- BRASIL. Decreto n. 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 2009a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Atos20072010/2009/Decreto/D7053.htm. Acesso em: 05 mar. 2020.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua – aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua. Brasília, DF: Coordenadoria Geral de Publicações Técnicas, 2009b. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf. Acesso em: 28. mar. 2020.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Crack, é possível vencer. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2013. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/programas-e-planos/crack>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 22 mar. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS. Brasília, DF: MS, 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>. Acesso em: 02 jul. 2020.
- CANOFRE, F. População em situação de rua é 3 vezes maior do que apresentado pela FASC, diz movimento. Sul 21, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/cidades/2016/12/populacao-em-situacao-de-rua-e-3-vezes-maior-do-que-apresentado-pela-fasc-diz-movimento/>. Acesso em: 16 jun. 2020.
- CENTRO DE ACESSORIA MULTIPROFISSIONAL. Mapeamento da população em situação de rua: Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre: CAMP, 2017.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP n. 016/2000, de 20 de dezembro de 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2000.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016 Brasília, DF, 2016. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2016.
- DIÁRIO DE CAMPO. Novo Hamburgo, 2019. Registro não publicado da experiência da pesquisadora.
- DUARTE, M. C. B. O comer e a comida para a população em situação de rua. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação e Desenvolvimento Humano) – Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, 2019. Disponível em: <https://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2017/dissertacoes/mdh/b/Maria-do-Carmo-Benedita-Duarte.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.
- EMICIDA. AmarElo (Sample: Sujeito de Sorte – Belchior). São Paulo: Sony Music Entertainment, 2019. Disponível em: https://open.spotify.com/track/5p3Llyy38soQQNoSTwbZXX?si=_wP4kM4CRQyidZ8cSW6P7Q. Acesso em 4 ago. 2020
- FARIAS, V. C. C. Possibilidades de inserção/reinserção produtiva dos moradores de rua do município de Porto Alegre. 2007. Dissertação (Mestrado em Assistência Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.
- FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA. Cadastro e mundo da população em situação de rua de Porto Alegre/RS. Porto Alegre: FASC, 2016. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/fasc/default.php?reg=41&p_secas=120#:~:text=Cadastro%20e%20Mundo%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o,de%20Rua%20de%20Porto%20Alegre. Acesso em: 20 maio 2020.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo. São Paulo: FIPE, 2015. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/oo-publicacao_de_editais/0001.pdf. Acesso em: 15 abr. 2020.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese dos Indicadores Sociais: 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Texto para discussão 2246: estimativa da população em situação de rua no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf. Acesso em: 04 abr. 2020.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Nota Técnica n. 73: estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020). Rio de Janeiro: IPEA, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf. Acesso em: 02 jul. 2020.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012. pp. 9-29.
- NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Paris: UNESCO, 1948. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>. Acesso em: 22 mar. 2020.
- SCHUTZE, F. Pressure and guilt: war experiences of a young German soldier and their biographical implications. *International Sociology*, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 187-208, 1992. Disponível em: <http://iss.sagepub.com/content/7/2/187.short>. Acesso em: 09 jul. 2014.
- SCHWARTZ, M.; SCHWARTZ, C. G. Problems in participant observation. *American Journal of Sociology*, [s. l.], v. 60, n. 4, p. 53-343, 1955. Disponível em: <http://www.jstor.org/>
- SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo: 2019. São Paulo: SMADS, 2019. Disponível em : https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/Produto5_SMADS_SP_Final.pdf. Acesso em: 15 abr. 2020.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Depression and other common mental disorders: global health estimates. Geneva: WHO, 2017. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017-2-eng.pdf?ua=1>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- discover/10.2307/2772027?sid=21105229126391&uid=70&uid=2129&uid=2&uid=4. Acesso em: 01 fev. 2015.

APÊNDICES e ANEXOS

APÊNDICE A – Questionário Sociodemográfico

QUESTIONÁRIO APLICADO

Aceitou participar: Sim Não

I – IDENTIFICAÇÃO

1. Nome/apelido: _____
- 1.1. Nome Social (transexual): _____
2. Data de Nascimento: __/__/____
3. Filiação: _____
4. Sexo: () M () F () Outro: _____
5. Possui filhos? () Não () Sim 5.1. Quantos? _____
6. Companheiro(a)? () Sim () Não
7. Raça: () Negra () Branca () Parda () Indígena () Outra: _____
8. Naturalidade: _____
9. Nacionalidade: _____
10. Procedência: _____
- 10.1. Tempo em NH: _____
11. Trecheiro: () Sim () Não
12. Migrante: () Sim () Não

II – HISTÓRIA:

13. Histórico como pessoa em situação de rua:
- () Está em situação de rua pela primeira vez () Já deixou de estar em situação de rua e retornou
14. Quanto tempo vive na rua ao total:
- () Até 6 meses () Entre 6 meses e 1 ano () Entre 1 ano e 2 anos
- () Entre 2 anos e 5 anos () Entre 5 e 10 anos () Mais de 10 anos
15. Principais motivos pelo qual passou a morar na rua:
- [] Álcool/Drogas [] Separação [] Problemas familiares
- [] Desemprego [] Violência [] Opção própria
- [] Não sabe/Não lembra [] Não respondeu [] Outro: _____
16. Em quais locais você dorme com frequência?
- [] Rua/Viaduto [] Albergues [] Praças/Parques
- [] Abrigos [] Aluguel social [] Casas/Prédios abandonados
- [] Outros: _____
- 16.1. Razões da escolha do local: _____
17. Quais principais dificuldades enfrentadas no dia-a-dia?
- [] Nenhuma [] Preconceito [] Fome
- [] Frio [] Acesso aos serviços públicos [] Falta de renda
- [] Violência Sexual [] Violência Institucional [] Violência entre pares
- [] Manter higiene pessoal [] Ociosidade [] Desemprego
- [] Falta de local de referência [] Solidão/Depressão [] Laços familiares
- [] Falta de roupas [] Uso/abuso de drogas [] Outras: _____

18. Em situação de emergência, você procura quem?

- Ninguém Familiares Amigos Pessoas em situação de rua
 Serviços de emergência (Polícia, SAMU...) Outro: _____

19. Você mantém contato com a sua família? () Não () Sim. 19.1. Quem? _____

20. Que atividades gosta de fazer?

- Não gosta de fazer nada Música Socialização
 Encontros com a família Caminhar Álcool/Drogas
 Esportes TV e filmes Atividades educacionais
 Festas e bailes Religião Leitura
 Outro: _____

III – EDUCAÇÃO

21. Escolaridade: () A () EFI () EFC () EMI () EMC () ESI () ESC

21.1. Curso profissionalizante e/ou superior: _____

22. Você gostaria de aprender algo novo ou aprimorar os conhecimentos sobre algo que sabes fazer?

() Não tenho interesse () Gostaria de aprender algo novo () Gostaria de aprimorar algo que já sei

22.1. O que gostaria de aprender/aprimorar? _____

23. Você tem acesso à internet? () Sim () Não

23.1. Se sim, onde? _____

23.2. Se sim, o que você acessa? _____

IV – TRABALHO E RENDA

24. Possui emprego: () Não () Sim: _____

25. Principal ocupação/atividade:

- () Não possui () Catador/reciclador () Faxina/limpeza
() Guardador de carro () Servente/construtor () Cozinheiro
() Vendedor () Vendedor ambulante () Montador de calçados
() Artesão () Garçom () Pintor
() Outras: _____

26. Renda pessoal diária: _____ 27. Fonte de renda complementar: _____

V – ASSISTÊNCIA SOCIAL

28. Qual(is) documento(s) possui?

- Certidão de Nascimento/Casamento/Divórcio Carteira de Trabalho
 Carteira de Reservista Título de Eleitor
 Carteira de Identidade: _____ CPF: _____
 Cartão SUS: _____ Outro: _____

29. Cadastro Único: () Sim () Não

29.1. É beneficiário do Bolsa Família? () Sim () Não

29.2. É beneficiário de outros programas sociais? () Não () Sim: _____

30. Quais serviços já acessou em Novo Hamburgo?

- Nenhum Centro POP / SAS Rua Albergue Municipal
 Abrigo Municipal Comunidade Terapêutica CAPS AD
 Horta Comunitária ONG Abraço Solidário Consultório de Rua
 UBS UPA Outro(s): _____

30.1. O que seria necessário para melhor lhe atender nesses serviços?

30.2. Qual serviço mais utiliza e porquê? O que mais gosta da instituição?

31. O que seria necessário para melhor atender a PSR?

- Nada, está bom assim Atendimento mais qualificado/humanizado
 Políticas para habitação/moradia Políticas de produção de renda/trabalho
 Novos serviços/projetos públicos Outro: _____

32. Você tem interesse em participar de algum grupo ou movimento social?

() Não participo e não tenho interesse () Não participo e tenho interesse: _____

() Já participo: _____

VI – SAÚDE

33. Tem problemas de saúde?

- Dores Crônicas: _____ Depressão Saúde Bucal Tuberculose
 Deficiência (auditiva, visual, motora...) Sífilis HIV
 Outra: _____

34. Faz uso de medicações? () Não () Sim: _____

35. Onde você realiza as refeições e do que você se alimenta?

36. Faz uso de alguma substância psicoativa? () Não () Sim

Substância	Uso Recreativo	Uso Nocivo	Dependência	Frequência (1 -7)
Alcool				
Cigarro				
Crack				
Maconha				
Cocaína				
Outra:				

Recreativo: não causa danos; **Nocivo:** Já causou danos físicos, sociais ou psicológicos; **Dependência:** Fica de abstinência.

Observações do entrevistado:

O que gostaria de falar e não foi perguntado.

Observações do entrevistador:

Diário de Campo.

Data: __/__/____ Local/Proximidades: _____

Responsável pelas informações: _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada POPULAÇÃO ADULTA EM SITUAÇÃO DE RUA DE NOVO HAMBURGO/RS: VIVÊNCIAS, DEMANDAS E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO. O estudo será coordenado pela professora doutora Carmem Regina Giongo do curso de Psicologia da Universidade Feevale. O objetivo deste estudo é realizar o recenseamento da população adulta em situação de rua da cidade de Novo Hamburgo, analisando suas principais demandas e contribuindo para a criação de políticas públicas.

Sua participação nesta pesquisa será voluntária e consistirá em responder um questionário sociodemográfico e a uma entrevista narrativa que será gravada e, posteriormente, transcrita para análise do conteúdo. Não haverá riscos relacionados à sua participação da pesquisa. Garantiremos o ressarcimento de suas despesas decorrentes da participação na pesquisa, tais como ressarcimento de transporte e alimentação.

A pesquisadora responsável juntamente com a Universidade Feevale e com a instituição coparticipante proporcionará assistência imediata e integral aos participantes da pesquisa no que se refere às possíveis complicações e danos decorrentes. Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não neste documento, têm direito à indenização, por parte do pesquisador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

A sua participação nesta pesquisa estará contribuindo para a visibilidade da população em situação de rua em nosso município e para o desenvolvimento de políticas públicas. Garantimos o sigilo de seus dados de identificação primando pela privacidade e por seu anonimato. Manteremos em arquivo, sob nossa guarda, por 5 anos, todos os dados e documentos da pesquisa. Após transcorrido esse período, os mesmos serão destruídos.

Os dados obtidos a partir desta pesquisa não serão usados para outros fins além dos previstos neste documento. Você tem a liberdade de optar pela participação na pesquisa e retirar o consentimento a qualquer momento, sem a necessidade de comunicar-se com as pesquisadoras.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será rubricado em todas as folhas e assinado em duas vias, permanecendo uma com você e a outra deverá retornar ao pesquisador. Abaixo, você tem acesso ao telefone e endereço eletrônico institucional do pesquisador responsável, podendo esclarecer suas dúvidas sobre o projeto a qualquer momento no decorrer da pesquisa.

Nome do pesquisador responsável: Carmem Regina Giongo

Nome do pesquisador responsável: Carmem Regina Giongo

Telefone institucional do pesquisador responsável: (51) 3586 8800

Ramal: 8865

E-mail institucional do pesquisador responsável:
carmemgiongo@feevale.br

Assinatura do pesquisador responsável

Local e data: _____, _____ de _____ 2019.

Declaro que li o TCLE: concordo com o que me foi exposto e aceito participar da pesquisa proposta.

Assinatura do participante da pesquisa

APROVADO PELO CEP/FEEVALE – TELEFONE: (51) 3586-8800 Ramal 9000
E-mail: cep@feevale.br

ANEXO A – Naturalidade por UF

Naturalidade - UF	n	% válido
RS	148	87,6
PR	5	3,0
SC	5	3,0
Outro país	3	1,8
SP	2	1,2
AM	1	0,6
BA	1	0,6
MA	1	0,6
PB	1	0,6
PE	1	0,6
RJ	1	0,6
Total	169	100,0

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

ANEXO B – Naturalidade

Naturalidade:	n	% válido
Novo Hamburgo	46	27,2
Porto Alegre	21	12,4
São Leopoldo	6	3,6
Campo Bom	4	2,4
Estância Velha	4	2,4
Alegrete	3	1,8
Canoas	3	1,8
Palmeira das Missões	3	1,8
Santa Rosa	3	1,8
Caçapava do Sul	2	1,2
Esteio	2	1,2
Gravataí	2	1,2
Joinville	2	1,2
Pelotas	2	1,2
Rosário do Sul	2	1,2
Santa Maria	2	1,2
Santo Antônio da Patrulha	2	1,2
Sapucaia do Sul	2	1,2
Seberi	2	1,2
Viamão	2	1,2
Bom Jesus	1	,6
Butiá	1	0,6
Cachoeira do Sul	1	0,6
Cachoeirinha	1	0,6

Carazinho	1	0,6
Caxias do Sul	1	0,6
Cruz Alta	1	0,6
Cruzeiro do Sul	1	0,6
Dakar - Senegal	1	0,6
Dois Irmãos	1	0,6
Dois Vizinhos	1	0,6
Erechim	1	0,6
Frederico Wesphalen	1	0,6
Giruí	1	0,6
Guaíba	1	0,6
Guaíra	1	0,6
Iraí	1	0,6
João Pessoa	1	0,6
Lagoa Vermelha	1	0,6
Manaus	1	0,6
Maranhão	1	0,6
Maravilha	1	0,6
Medeiros Neto	1	0,6
Medianeira	1	0,6
Muçum	1	0,6
Niterói	1	0,6
Nova Hartz	1	0,6
Palma Sola	1	0,6
Paraná	1	0,6
Passo Fundo	1	0,6
Pato Branco	1	0,6
Pernambuco	1	0,6
Portão	1	0,6
Porto Xavier	1	0,6
Rivera - Uruguai	1	0,6
Salto do Jacuí	1	0,6
Santa Cruz do Sul	1	0,6
Santa Vitória do Palmar	1	0,6
Santana da Boa Vista	1	0,6
Santo Ângelo	1	0,6
Santo Antônio das Missões	1	0,6
Santo Augusto	1	0,6
São Bernardo do Campo	1	0,6
São Borja	1	0,6
São João Batista	1	0,6
São Luiz Gonzaga	1	0,6
São Paulo	1	0,6
Sapiranga	1	0,6

Sobradinho	1	0,6
Taquara	1	0,6
Três Passos	1	0,6
Uruguai	1	0,6
Uruguiana	1	0,6
Venâncio Aires	1	0,6
Total	169	

Fonte: elaborado por NRM Consultoria Estatística com base nos dados do estudo (2020).

Realização:



Apoio:

